

PRAHA – Aproveitamento Hidroagrícola do Açafal

Regadio Tradicional

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 2011



junta de agricultores do regadio do açafal

24 de Fevereiro de 2012

Junta de Agricultores do Regadio do Açafal

Contribuinte N.º: 508 859 220

Sede: Caminho Agrícola N.º 1 – Açafal
6030-002 Vila Velha de Ródão

Serviços: Rua Principal, 33 – Salgueiral
6030-157 Vila Velha de Ródão

Tel: 925 78 24 69

e-mail: jaral @ acafal.pt

web: <http://www.acafal.pt>

Agradecimentos:

- À Rodoliv, pela cedência de instalações para o posto de preenchimento e recepção das Declarações de Culturas de 2011.
- À Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão (incluindo os seus técnicos e funcionários) pelos meios postos à disposição desta Junta (máquinas de limpeza e sala de reuniões).
- Aos serviços da DRAPC, pelo apoio dado pelos seus técnicos, bem como do fornecimento de dados meteorológicos, que contribuem para a concepção deste relatório.
- À empresa VHB, Lda., com os seus equipamentos informáticos, e apoio estatístico.
- À .Quinta da Ordem, pelos meios postos à disposição (instalações, telefone, impressão, etc.)
- À .Guarda Nacional Republicana pela vigilância mantida, disponibilizando os seus parques recursos materiais e humanos.
- Aos técnicos da contabilidade oficial, pelas noites (serões) perdidas.
- Ao chefe electricista Sr. Abílio Farto, pela sua disponibilidade.
- A todos que colaboraram com a JARAL, omissos neste relatório

O nosso obrigado.

Índice

1	INTRODUÇÃO	07
2	CORPOS SOCIAIS DA JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO AÇAFAL	08
2.1	Junta de Agricultores – Vogais	08
2.2	Conselho Fiscal	08
2.3	Presidente e Vice-Presidente da Junta de Agricultores	08
3	ACTIVIDADES	09
3.1	Investimentos e Obras	09
3.1.1	Limpeza do Coroamento da Barragem	09
3.1.2	Limpeza da Estação de Bombagem	09
3.1.3	Intervenção na Rede secundária da rega e hidrantes	09
3.1.4	Limpeza do Caminho Agrícola Nº1	09
3.1.5	Instalações dos serviços da Junta	09
3.2	Organização interna de funcionamento	09
3.2.1	Inscrição no SNAA (Serviço Nacional de Avisos Agrícolas) – Estação de Avisos de Castelo Branco	09
3.2.2	Membro da REDE RURAL NACIONAL	09
3.2.3	Processo de definição dos Blocos Pressão e Bombagem do PRAHA	09
3.2.4	Processo de alargamento do Blocos de Baixa Pressão a zonas confinantes do PRAHA	10
3.2.5	Presença na Web com o site: www.acafal.pt	10
3.2.6	Colaboração no lançamento do PRAHCT	10
4	FACTORES CLIMÁTICOS	11
	Quadro I – Precipitação no ano hidrológico 2011 (01/10/2010 a 01/10/2011)	11
	Quadro II – Precipitação nos anos hidrológicos de 1931 a 2011, comparada com a precipitação média mensal – Séries 5 anos	11
	Quadro III – Precipitação mensal nos anos hidrológicos de 2007 a 2011	12
	Quadro IV – Distribuição da precipitação média mensal nos anos hidrológicos de 1931 a 2011. Média com o número de dias com ou sem precipitação – Séries 5 anos	12
	Quadro V – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011. Estações do Ano: Primavera – Séries 5 anos	13
	Quadro VI – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011. Estações do Ano: Verão – Séries 5 anos	13
	Quadro VII – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011. Estações do Ano: Outono – Séries 5 anos	14
	Quadro VIII – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011. Estações do Ano: Inverno – Séries 5 anos	14
	Quadro IX – Distribuição espacial do Índice de seca meteorológica em 31/08/2011. Índice PDSI	15
	Quadro X – Distribuição das temperaturas de Outubro/2008 a Setembro/2011. Valores médios mensais	16
	Quadro XI – Distribuição das amplitudes térmicas de Outubro/2008 a Setembro/2011, com a temperatura média diária anual. Valores médios mensais	17
	Quadro XII – Distribuição de humidade relativa de Out/2008 a Set/2011. Valores médios mensais	18
	Quadro XIII – Distribuição da temperatura média com a humidade relativa média de Out/2008 a Set/2011. Valores médios mensais	18
	Quadro XIV – Distribuição da temperatura máxima com a humidade relativa mínima de Outubro/2008 a Setembro/2011. Valores médios mensais	19
	Quadro XV – Distribuição da temperatura mínima com a humidade relativa máxima de Outubro/2008 a Setembro/2011. Valores médios mensais	19
5	EXPLORAÇÃO DA ALBUFEIRA E GESTÃO DOS RECURSOS HIDRÍCOS DISPONÍVEIS	20
5.1	Caracterização da Barragem (Albufeira)	20
	Quadro XVI – BARRAGEM DO AÇAFAL	20
5.2	Monitorização dos níveis de armazenamento	21
	Quadro XVII – Tabela de níveis de exploração	21
	Quadro XVIII – Evolução do nível de armazenamento por cotas de nível	21
	Quadro XIX – Evolução do nível de armazenamento por volume (Mm3)	22
	Quadro XX – Comparação dos consumos médios totais por ha e período de leitura do armazenamento, com a temperatura máxima (média) observada	23
	Quadro XXI – Comparação dos consumos médios totais por ha e período de leitura do armazenamento, com a humidade relativa mínima (média) observada	23
5.3	Estação de Bombagem – Rede de Alta Pressão/Bombagem (Bloco 2 e 3)	24
	Quadro XXII – Consumos de energia da Estação de Bombagem	24
	Quadro XXIII – Consumos fixos de energia da Estação de Bombagem	24
6	CAMPANHA DE REGA	25
	Quadro XXIV – Áreas afectas e inscritas por Tipo de Abastecimento	25
	Quadro XXV – Áreas inscritas por Cultura	26
	Quadro XXVI – Áreas inscritas por Cultura e Tipo de Distribuição	27
	Quadro XXVII – Áreas inscritas por Cultura e Tipo de Rega	28
	Quadro XXVIII – Áreas inscritas por Cultura, Tipo de Rega e Tipo de Distribuição	28
7	ESTRUTURA FUNDIÁRIA	30
	Quadro XXIX – Distribuição parcelar – Regantes - Área	30

	Quadro XXX – Distribuição Parcelar por Sistema	30
8	TAXAS E QUOTAS PRATICADAS NA CAMPANHA DE REGA 2011	31
	Quadro XXX I – Tabela de Preços 2011	31
9	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	32
10	CONTAS DO EXERCÍCIO ANO DE 2011	33
10.1	Relatório Contas 2011	33
10.2	Relatório Conselho Fiscal 2011	34
	ANEXO I – BALANÇO E DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 2011	35
	ANEXO II – DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS POR NATUREZAS MODELO REDUZIDO 2011	39
	ANEXO III – BALANÇO INDIVIDUAL 2011	40
	ANEXO IV – BALANÇO RAZÃO FINANCEIRA 2011	42

I – INTRODUÇÃO

Em conformidade com o estabelecido nos estatutos, vem a Direcção da Junta submeter à apreciação e aprovação dos Ex. mos Senhores Regantes, o RELATÓRIO E CONTAS do Exercício de 2011.

Este exercício pode-se considerar como normal, no funcionamento do PRAHA (PERÍMETRO DE REGA DO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO AÇAFAL).

Com a aplicação do Regulamento em vigor, procederam-se as etapas definidas no mesmo, com a entrega das Declarações de Culturas anuais por parte dos Regantes, bem como do sequencial acompanhamento da Campanha de Rega (vigilância e monitorização).

Deu-se continuação, ao processo de definição dos limites e áreas parcelares do PRAHA, com a definição final dos Blocos de Pressão e Bombagem, respectivamente RB01 - Quinta da Ordem (14,66 ha), RB02 - Monte do Cabeço (61,1954 ha) e RB03 – Lucriz (58,4683 ha). De igual forma, deu-se início aos procedimentos de aumento de área do Bloco de Baixa Pressão, com a inclusão de áreas marginais ao mesmo, algumas delas já como na situação em regime precário desde o início de exploração. Processo esse em fase de conclusão.

Foi disponibilizado aos regantes um novo sistema de informação – página web, com a informação relevante do PRAHA, das Campanhas de Rega, Avisos Agrícolas e Meteorológicos, e ainda de outra informação relevante (Regulamentos, Normas, ect.).

Também como no ano anterior, o fornecimento de um serviço regular (salvo algumas dificuldades por motivos operacionais) de informação (via e-mail), das condições de armazenamento na Barragem, das previsões a médio prazo (semanais) meteorológicas (Instituto de Meteorologia, IP) e alertas de condições adversas.

Procedeu-se igualmente e novamente com o apoio dos serviços da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, com uma máquina equipada com um desmatador/corta sebes, à limpeza e desmatação das bermas do Caminho Agrícola N°1, desde EN18 ao largo da Barragem.

Por último e à margem deste relatório, o lançamento do regadio gémeo e contíguo da Coutada/Tamujais, a quem esta Junta e os seus Regantes desejam o melhor sucesso à Junta de Agricultores do Regadio Colectivo da Coutada/Tamujais.

Para todos o desejo, de que o seu esforço não seja em vão, em prol do desenvolvimento rural desta região, nestes tempos tão difíceis.

2 – CORPOS SOCIAIS DA JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO AÇAFAL

Aos 25 dias do mês de Fevereiro de 2011, foram eleitos em Assembleia de Agricultores os corpos sociais desta Junta para o período anual de 2011, com a seguinte composição:

2.1 – Junta de Agricultores – Vogais:

- José António Pires Figueiredo;
- José Carlos Lopes Soares, em representação de Maria da Graça Rosado Trigueiros de Aragão;
- José Paulo Reis Dias;
- Nuno António Crisóstomo Camilo;
- Nuno Miguel Ferro Tavares.

2.2 – Conselho Fiscal:

- Domingos António Mateus Castelo;
- João Pires Lourenço;
- Luís Alberto Rodrigues da Costa, em representação de Maria Manuel Carmona de Figueiredo Nogueira Rodrigues da Costa.

2.3 – Presidente e Vice-Presidente da Junta de Agricultores:

Em reunião da JARAL de 02/03/2011 foram eleitos entre os vogais que a compõem, para:

Presidente: José Carlos Lopes Soares.
Vice-Presidente: Nuno Miguel Ferro Tavares.

3 – ACTIVIDADES

3.1 – Investimentos e Obras

3.1.1 – Limpeza do Coroamento da Barragem

Limpeza e desmatagem de toda a zona envolvente do coroamento da barragem, 1º nível 2º nível do aterro jusante, caminho de acesso à torre de captação e parque de estacionamento. O trabalho foi efectuado em regime de contratação, tendo sido entregue a sua execução à Associação de Produtores Florestais do Rio Ocreza.

3.1.2 – Limpeza da Estação de Bombagem

Limpeza de toda a zona interior e envolvente externa da Estação de Bombagem. O trabalho foi efectuado em regime de contratação, tendo sido entregue a sua execução à Associação de Produtores Florestais do Rio Ocreza.

3.1.3 – Intervenção na Rede secundária da rega e hidrantes

Procedeu-se a uma intervenção na rede de rega secundária, com a reparação e limpeza de algumas válvulas de controle, que encontravam com um deficiente funcionamento, provocando situações de não abastecimento em alguns troços. Também se procedeu à vistoria e manutenção (lubrificação) dos hidrantes.

3.1.4 – Limpeza do Caminho Agrícola Nº1

Devido à escassez de recursos tanto humanos como materiais, a Direcção da Junta solicitou apoio à Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão para a limpeza do Caminho Agrícola Nº1. O trabalho foi executado por uma equipa camarária, com a desmatagem e limpeza das bermas do Caminho Agrícola.

3.1.5 – Instalações dos serviços da Junta

Conjuntamente com a Junta de Agricultores do Regadio Colectivo da Coutada/Tamujais, passou-se a dispor de um espaço alugado na localidade do Salgueiral para as instalações dos serviços de atendimento aos regantes e da gestão dos dois Perímetros de Rega.

3.2 – Organização interna de funcionamento

3.2.1 – Inscrição no SNAA (Serviço Nacional de Avisos Agrícolas) – Estação de Avisos de Castelo Branco

Procedeu esta Junta à inscrição no SNAA (Serviço Nacional de Avisos Agrícolas) – Estação de Avisos de Castelo Branco disponibilizando aos Regantes um serviço de informação dos AVISOS AGRÍCOLAS emitidos por esses serviços a nível regional.

3.2.2 – Membro da REDE RURAL NACIONAL

A Junta passou a ser membro da REDE RURAL NACIONAL,

3.2.3 – Processo de definição dos Blocos Pressão e Bombagem do PRAHA

Procedeu-se à conclusão do processo de definição dos limites e áreas parcelares do PRAHA, nos Blocos de Pressão e Bombagem, respectivamente RB01 - Quinta da Ordem (14,66 ha), RB02 - Monte do Cabeço (61,1954 ha) e RB03 – Lucriz(58,4683 ha).

3.2.4 – Processo de alargamento do Blocos de Baixa Pressão a zonas confinantes do PRAHA

Do facto da definição final dos Blocos de Pressão e Bombagem, permitiu dar início aos procedimentos de aumento de área do Bloco de Baixa Pressão, com a inclusão de áreas marginais ao mesmo, algumas delas já como na situação em regime precário desde o início de exploração. Processo esse em fase de conclusão.

3.2.5 – Presença na Web com o site: www.acafal.pt

Foi disponibilizado aos regantes um novo sistema de informação – página web, com a informação relevante do PRAHA, das Campanhas de Rega, Avisos Agrícolas e Meteorológicos, e ainda de outra informação relevante (Regulamentos, Normas, ect.).

Também como no ano anterior, o fornecimento de um serviço regular (salvo algumas dificuldades por motivos operacionais) de informação (via e-mail), das condições de armazenamento na Barragem, das previsões a médio prazo (semanais) meteorológicas (Instituto de Meteorologia, IP) e alertas de condições adversas.

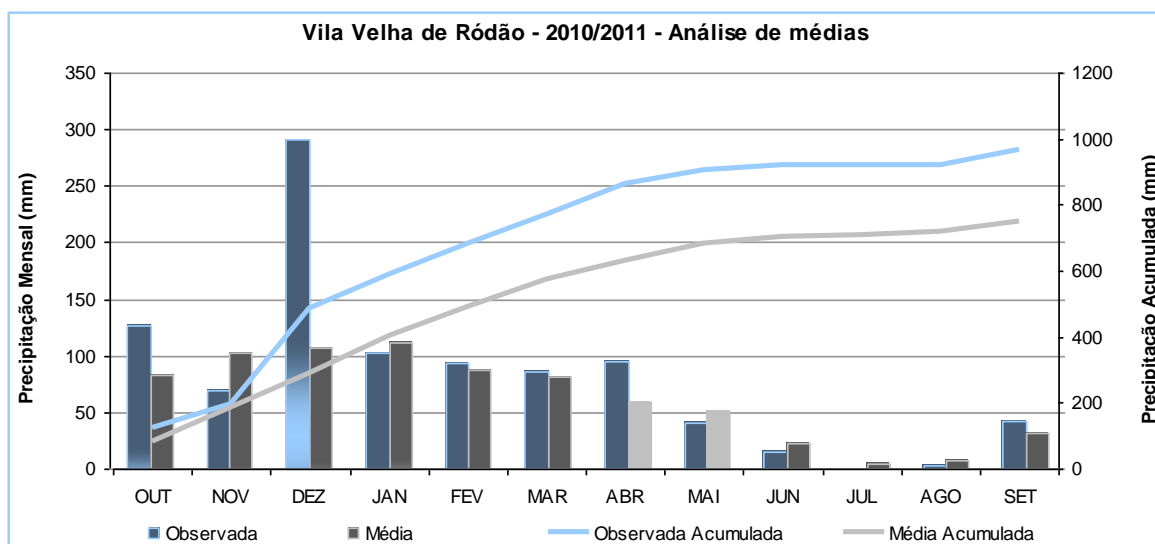
3.2.6 – Colaboração no lançamento do PRAHCT

Foi disponibilizado pelos serviços da JARAL, a disponibilidade de meios e apoio logístico à Junta de Agricultores do Regadio Colectivo da Coutada/Tamujais responsável pela exploração do novo Perímetro de Rega da Coutada/Tamujais.

4 – FACTORES CLIMÁTICOS

O ano hidrológico decorreu com precipitações superiores aos valores médios, no período decorrente entre Outubro de 2010 a Abril de 2011, tanto nas precipitações mensais observadas, como nas acumuladas, em contraste com o período de Julho 2011 e Agosto de 2011, quase com ausência de precipitação. Os restantes meses podem-se considerar como normais, com um ligeiro decréscimo em relação à média mensal.

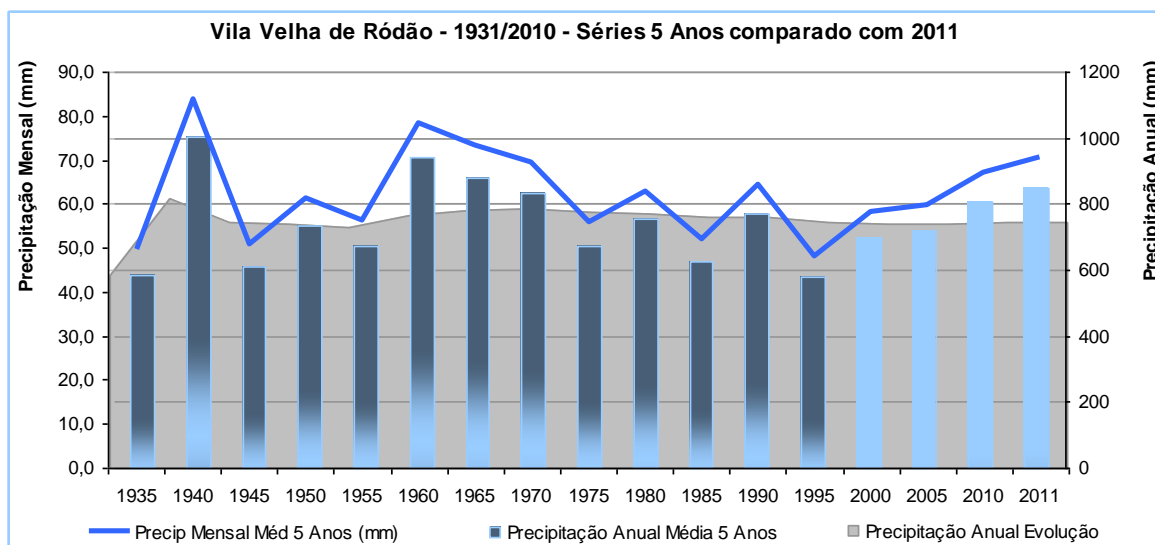
Quadro I – Precipitação no ano hidrológico 2011 (01/10/2010 a 01/10/2011)



Fonte: Estação INAG 16K/01G VVRódão (SNIRG) – Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

De realçar o mês de Dezembro de 2010, em que a precipitação foi quase 3 vezes superior à média, foi o 14º mais chuvoso nos últimos 80 anos. No período de Janeiro a Junho de 2011, os valores de precipitação foram ligeiramente superiores aos valores médios. No período de Maio a Agosto os valores foram inferiores ao valor médio, realçando-se o mês de: Julho mais seco dos últimos 7 anos.

Quadro II – Precipitação nos anos hidrológicos de 1931 a 2011, comparada com a precipitação média mensal – Séries 5 anos

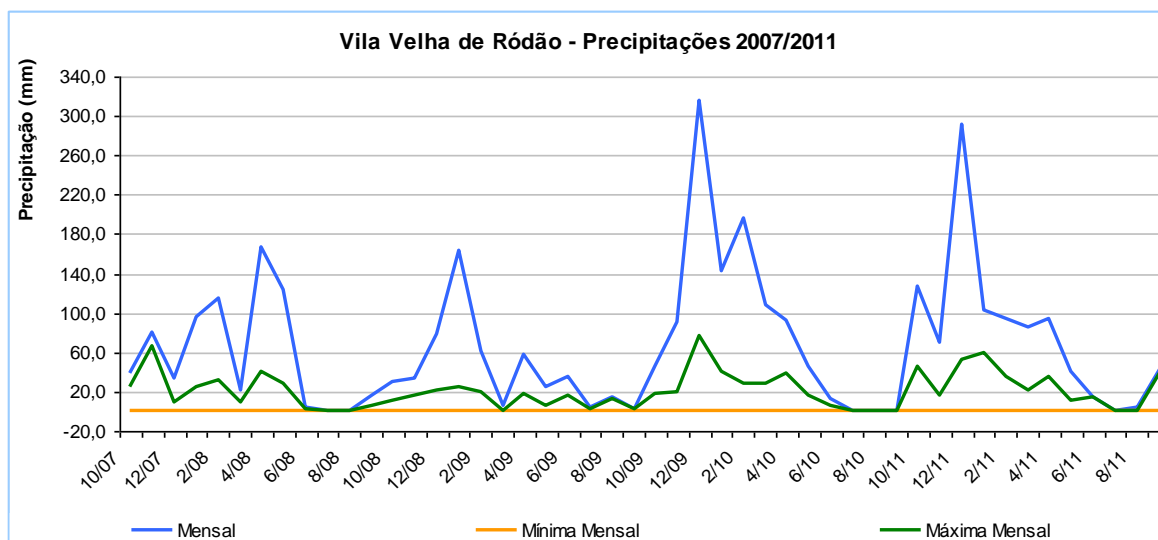


Fonte: Estação INAG 16K/01G VVRódão (SNIRG) – Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

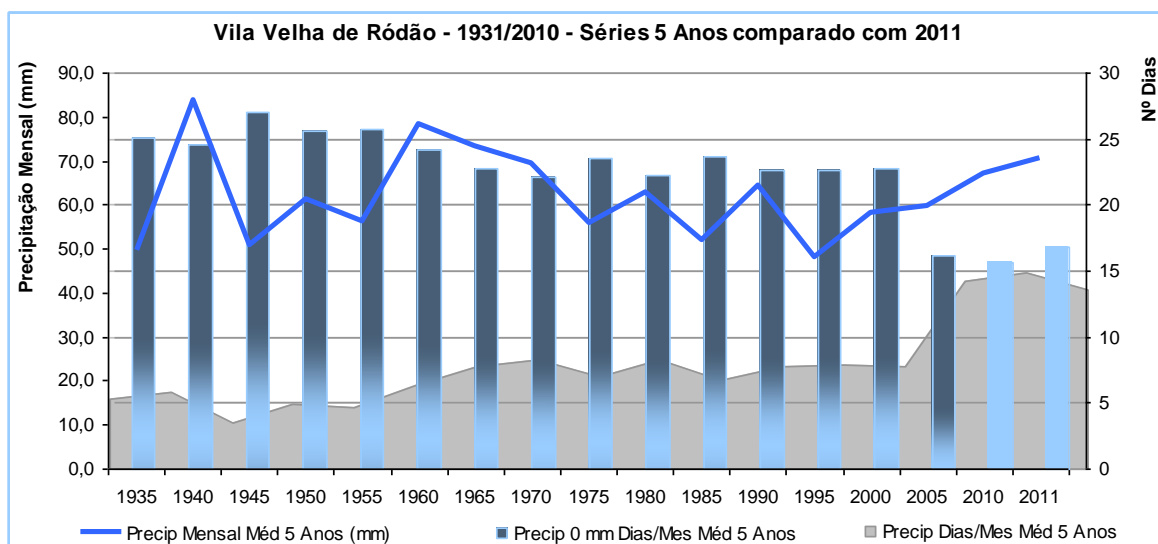
Também os desvios da precipitação em relação ao valor normal 1971-2000 entre 1931 e 2010, onde se verifica que nos últimos 30 anos os valores da precipitação têm sido quase sempre inferiores ao valor normal, sendo que apenas em 9 anos ocorreram valores acima do normal.

Nestas condições a Campanha de Rega de 2011 teve o seu início no mês de Maio (13/04/2011) e terminou em Outubro (23/10/2011), consideram-se como normal.

Quadro III – Precipitação mensal nos anos hidrológicos de 2007 a 2011

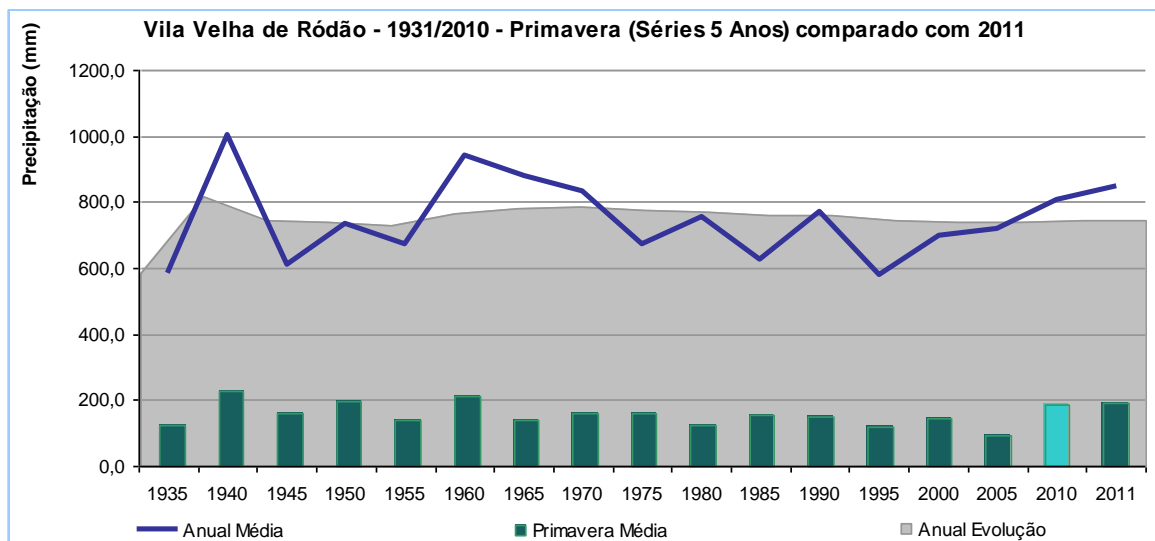


Quadro IV – Distribuição da precipitação média mensal nos anos hidrológicos de 1931 a 2010. Média com o número de dias com ou sem precipitação – Séries 5 anos



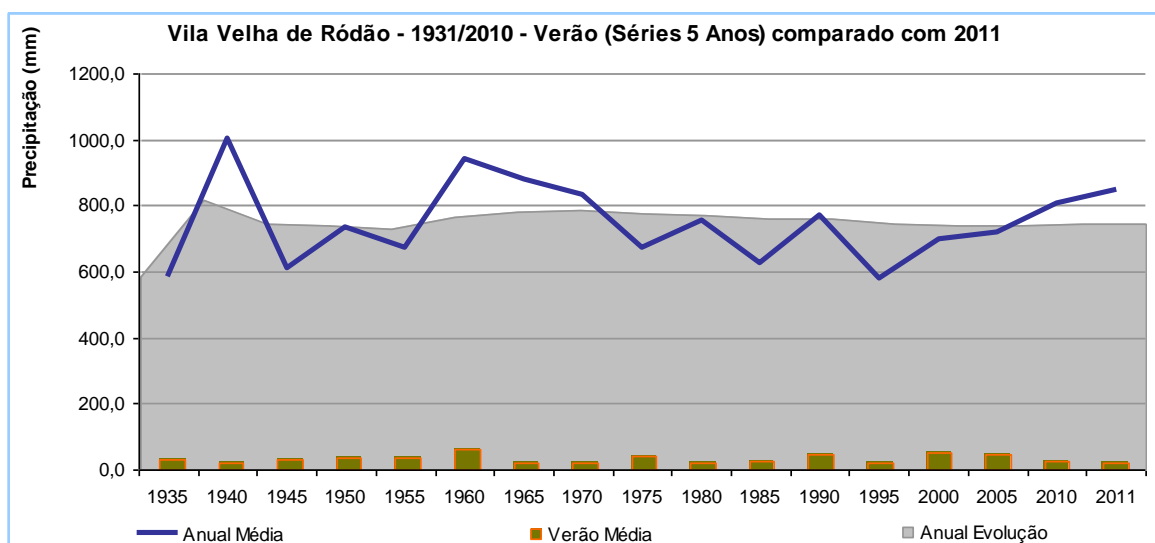
Da observação do gráfico anterior, pode-se observar que a partir da série de 2005, a tendência dos dias totais mês com precipitação se aproximou muito dos dias totais mês sem precipitação, tendência essa a verificar em séries futuras.

Quadro V – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011.
Estações do Ano: Primavera – Séries 5 anos



Com os valores registados nas Primaveras da série de 2010 e do ano de 2011, podem-se classificar como as mais chuvosas desde 1960, e só inferiores às séries de 1940, 1950 e 1960.

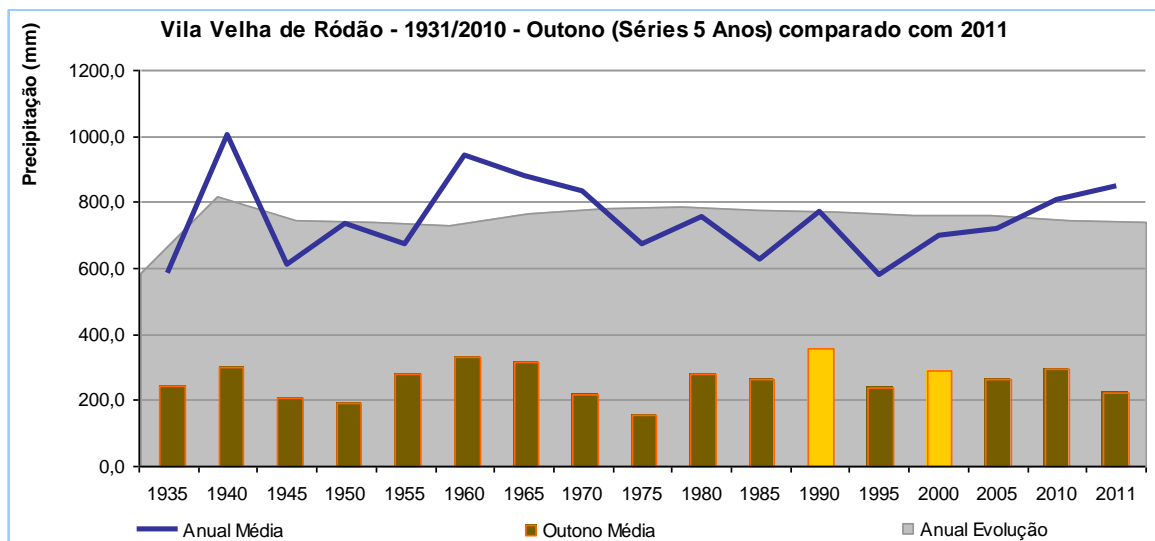
Quadro VI – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011.
Estações do Ano: Verão – Séries 5 anos



Nos valores registados nos Verões da série de 2011 e do ano de 2011, podem-se classificar como normais, embora inferiores às séries de 2000 e 2005.

Com o início das chuvas Outonais em 23/10/2011 levou ao encerramento da Campanha de Rega de 2011 em 23/10/2011.,

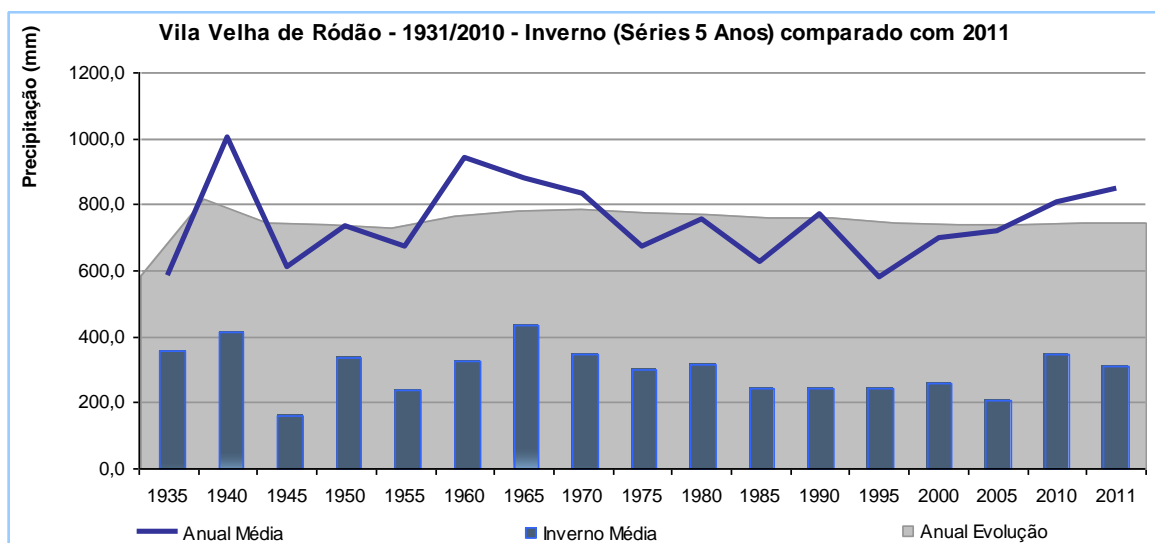
Quadro VII – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011.
Estações do Ano: Outono – Séries 5 anos



Fonte: Estação INAG 16K/01G VVRódão (SNIRG) – Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Os valores registados no ano de 2011, foram inferiores às séries desde 1980.

Quadro VIII – Distribuição da precipitação média nos anos hidrológicos de 1931 a 2011.
Estações do Ano: Inverno – Séries 5 anos



Fonte: Estação INAG 16K/01G VVRódão (SNIRG) – Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

O ano hidrológico a decorrer (2012), com o total de precipitação observado nos meses de Outubro a Dezembro de 258 mm (cerca de 34% da média anual), não é um bom indicador de armazenamento hídrico, embora as precipitações registadas tenham permitido o pleno armazenamento da Barragem do Açafal.

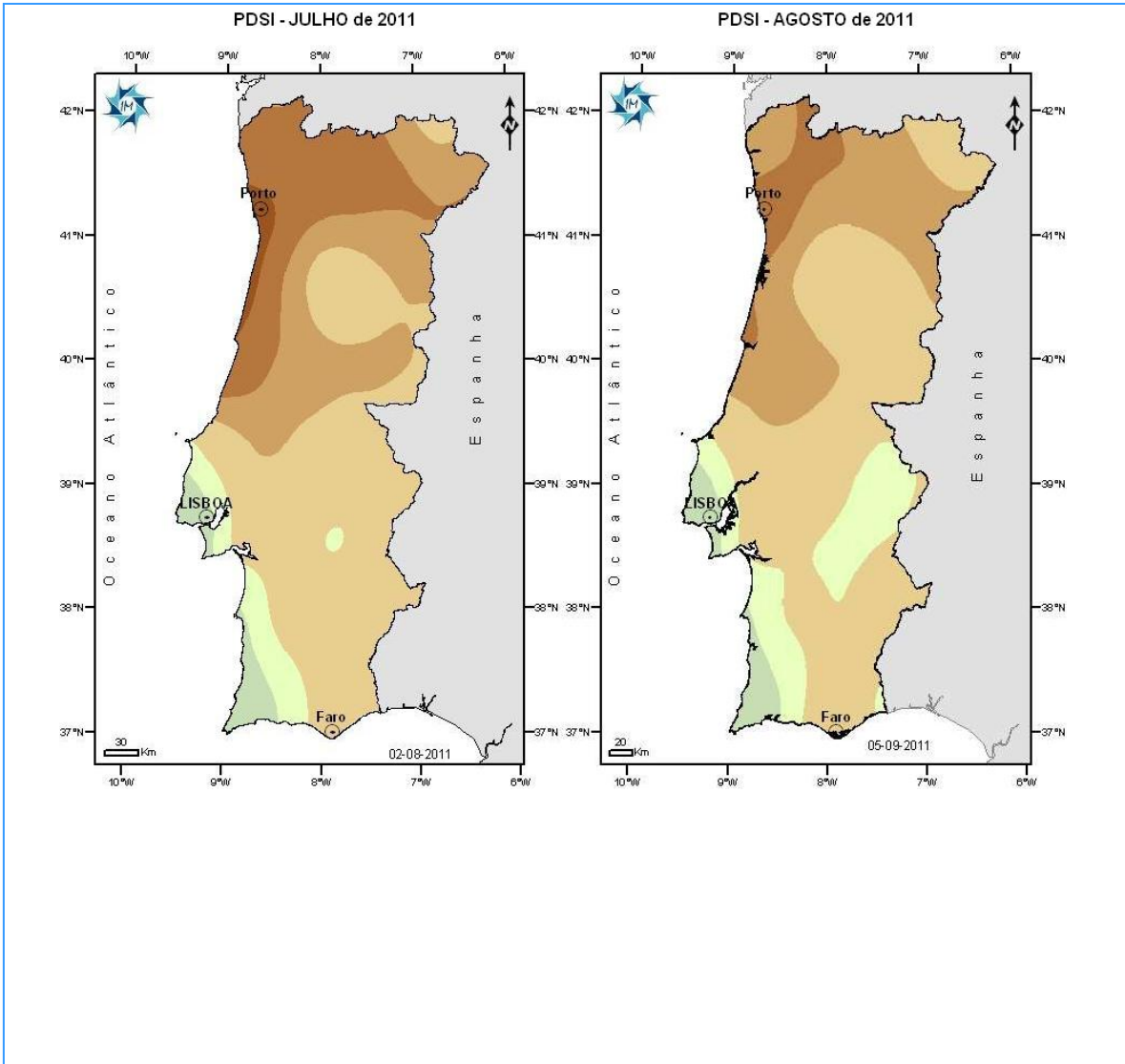
A falta de precipitação a partir de Dezembro até a esta data (24/02/2012), obrigou já à abertura temporária da próxima Campanha de Rega de 2012, encontrando-se a área do PRAHA, segundo Instituto de Meteorologia, I. P. em situação de Seca Fraca a Moderada.

O ano climatológico de acordo com os boletins “Boletim Climatológico Anual – Ano 2011 Versão Preliminar” e “Boletim Climatológico Sazonais” do Instituto de Meteorologia, I. P., em Portugal Continental o ano de 2011 com uma temperatura média anual de 16,02°C,

situa-se entre os 7 mais quentes dos últimos 80 anos e relativamente à temperatura máxima anual o valor de 21,70°C coloca-o mesmo entre os 3 mais quentes desde 1931.

Os meses que mais contribuíram para o ano de 2011 ser um dos anos mais quentes em relação à temperatura máxima, foram Abril, Outubro, Maio, Junho e Setembro, que registaram anomalias em relação a 1971-2000 de +4,90°C, +4,73°C, +3,91°C, +1,58°C e +1,22°C respectivamente. De realçar ainda que os meses de Maio e Outubro foram os mais quentes desde 1931, em relação ao valor da temperatura máxima do ar e Abril foi o segundo mais quente na temperatura média e máxima do ar, também desde 1931. No final do Verão é de salientar o aparecimento da situação de seca meteorológica em grande parte do Continente.

Quadro IX – Distribuição espacial do Índice de seca meteorológica em 31/08/2011.
Índice PDSI (1)



Também as temperaturas mínimas e máximas estiveram muito acima do valor normal. Nos restantes meses do ano as temperaturas estiveram próximas do normal não

(1) - PDSI - Palmer Drought Severity Index - Índice de severidade da seca baseado na quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de armazenamento de água tendo em conta dados da quantidade de precipitação. Permite detectar a ocorrência de períodos de seca e

ultrapassando anomalias de $\pm 1.0^{\circ}\text{C}$. É de salientar que nos últimos 18 anos a temperatura média anual foi sempre superior ao valor médio 71-2000, com excepção de 2008.

Também o Outono de 2011 em Portugal Continental segundo os mesmos boletins, foi em relação à média da temperatura máxima do ar, o 3º mais quente desde 1931, registando uma temperatura máxima de 23.41°C , com $+1.96^{\circ}\text{C}$ acima do valor normal (1971-2000).

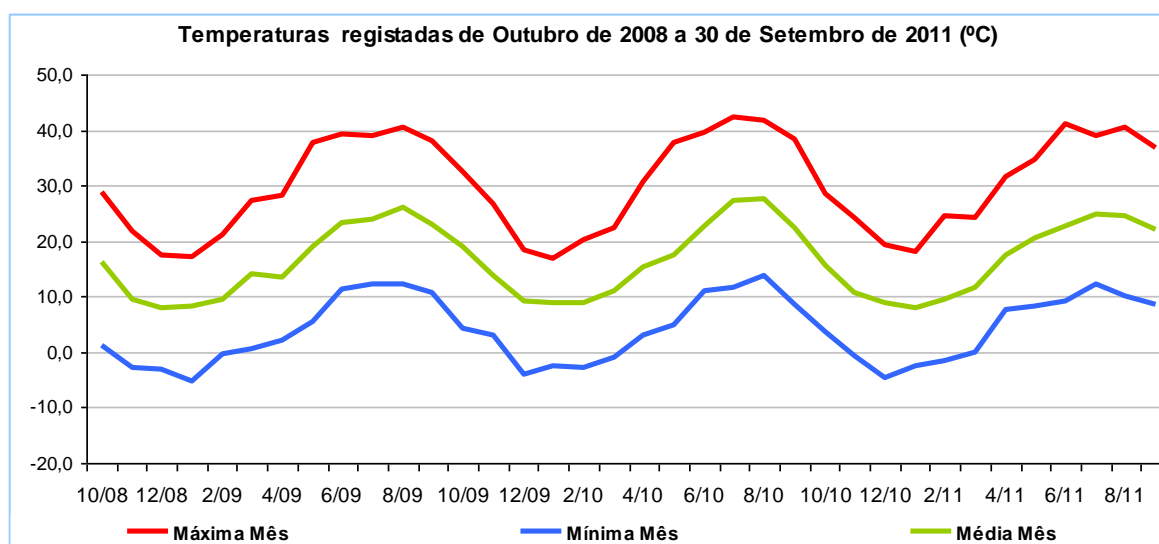
Os dois maiores valores médios da temperatura máxima no Outono ocorreram em 1985 com 23.53°C e em 1948, com 23.51°C . Os valores médios da temperatura média e mínima, também foram superiores ao valor normal, com anomalias de $+1.17^{\circ}\text{C}$ e $+0.38^{\circ}\text{C}$ respectivamente.

Em 2011 ocorreram 5 ondas de calor que se verificaram nos meses com maiores anomalias positivas da temperatura máxima: uma onda de calor em Abril, duas em Maio e duas em Outubro.

Também o Inverno 2010/2011 com os meses mais frios (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), o valor médio da temperatura máxima, média e mínima, foi ligeiramente inferior aos respectivos valores normais 1971-2000, em -0.3°C . Nos últimos 10 dias do mês de Janeiro e no início do mês de Fevereiro, ocorreram valores da temperatura mínima do ar muito baixos no Continente, nomeadamente nas regiões do interior Norte e Centro.

Nas temperaturas registadas na área geográfica aonde o PRAHA se encontra localizado de acordo com os dados da estação da Coutada – DRAPC, há a realçar as 4 ondas de calor em 2010 (Verão) com temperaturas superiores a 39°C , com 2 dias de temperaturas extremas (06/07/2010 - $42,1^{\circ}\text{C}$ e 28/07/2010 - $42,2^{\circ}\text{C}$).

Quadro IX – Distribuição das temperaturas de Outubro/2008 a Setembro/2011.
Valores médios mensais

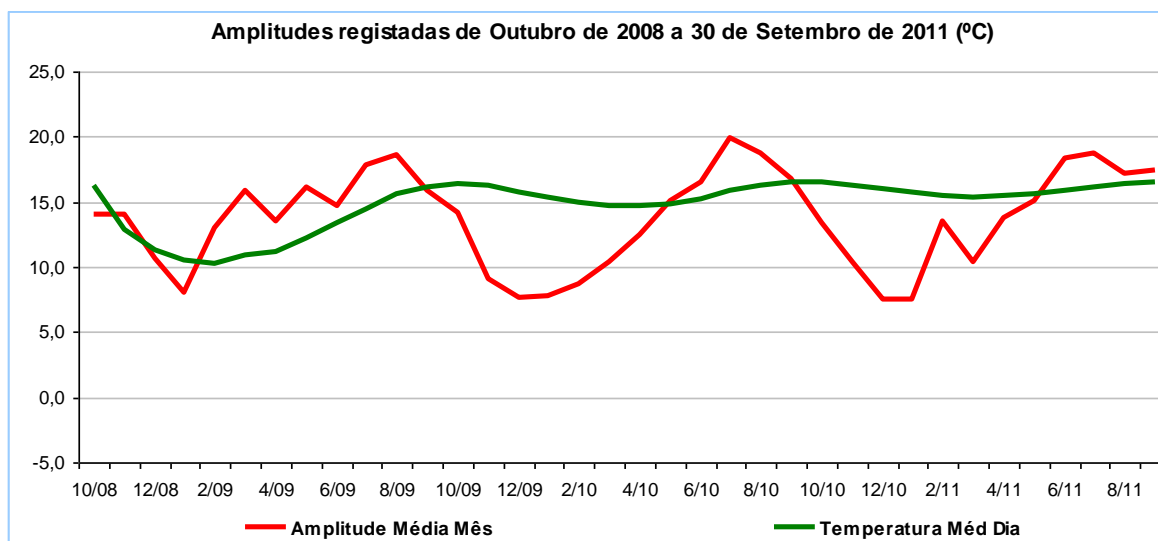


Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Na Estação da Coutada, e na série de 2008 a 2011, foram registados no ano de 2011 os valores máximos de $41,1^{\circ}\text{C}$ em 26 de Junho (o mais quente do ano), $40,6^{\circ}\text{C}$ em 10 de Agosto e $39,0^{\circ}\text{C}$ em 28 de Julho. De realçar a temperatura máxima registada em Outubro de $35,8^{\circ}\text{C}$ no dia 13.

Ainda o registo de dias com temperatura máxima igual ou superior a 30°C e temperatura mínima superior a 20°C (noites tropicais) com 2 dias em Junho, 1 dia em Julho e 2 dias em Agosto, situou-se abaixo em relação a anos transactos (2010 com 10 e 2009 com 8).

Quadro X I – Distribuição das amplitudes térmicas de Outubro/2008 a Setembro/2011, com a temperatura média diária anual. Valores médios mensais



Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

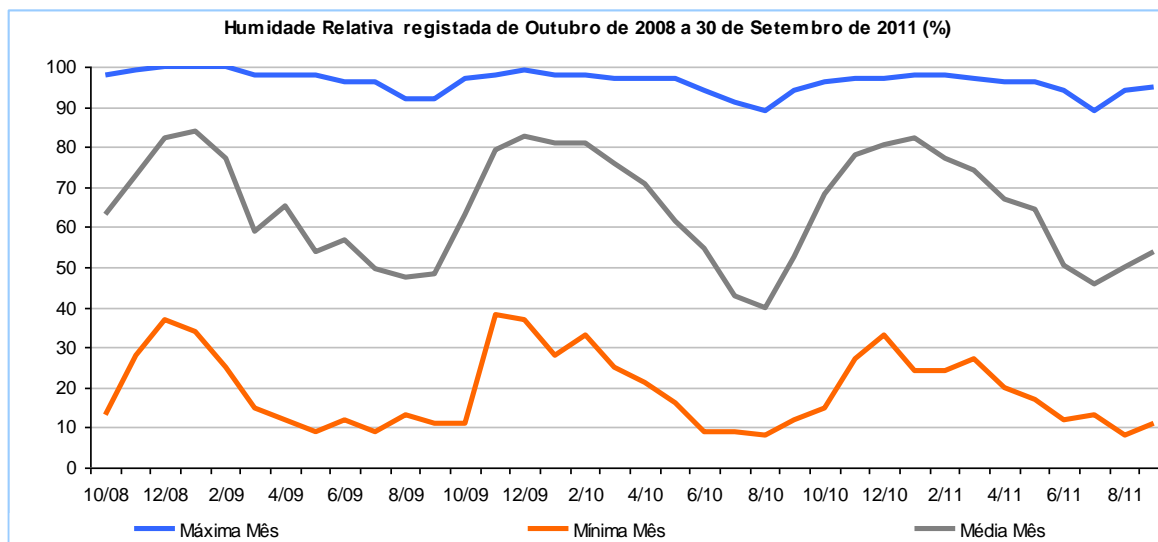
A temperatura média diária o seu valor está estimado nos 16,2 °C (valores calculados a 31 de Dezembro de 2011 – Estação Coutada da DRAPC), que está de acordo com a caracterização do Clima de Portugal Continental do IM, IP, e que indica para a zona de Vila Velha de Ródão valores compreendidos entre os 16,1 e 17,0°C.

De salientar a verificação de 143 dias em 2011 (aprox. 39% dos dias do ano) com uma amplitude de temperatura superior a 16°C (temperatura média diária).

Nas temperaturas mínimas e inferiores a 4°C, a registar entre Outubro de 2010 e Setembro de 2011, o valor de 55 dias (15,1%), sendo de referir 8 dias em que a temperatura média diária também inferior a esse valor (>4°C).

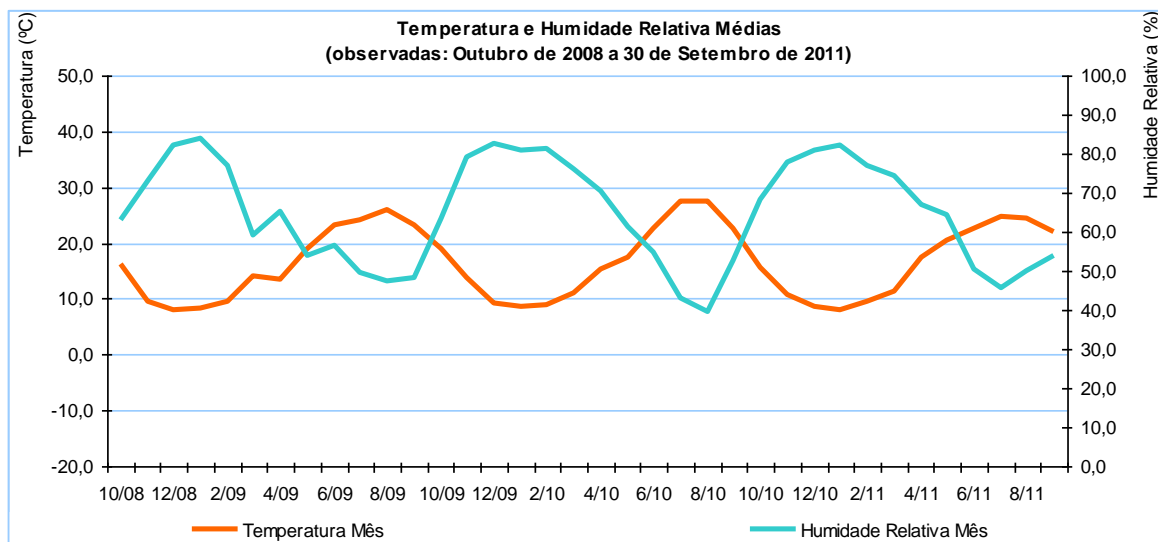
Nos quadros seguintes, apresentam-se as variações de temperatura com a humidade relativa do ar, com 217 dias com a máxima $\geq 90\%$ e 62 dias com a mínima $\leq 20\%$, sendo de salientar no caso da mínima de 8% em 8/08/2010, condições extremas para a deflagração e propagação de incêndios.

Quadro X II – Distribuição de humidade relativa de Out/2008 a Set/2011.
Valores médios mensais



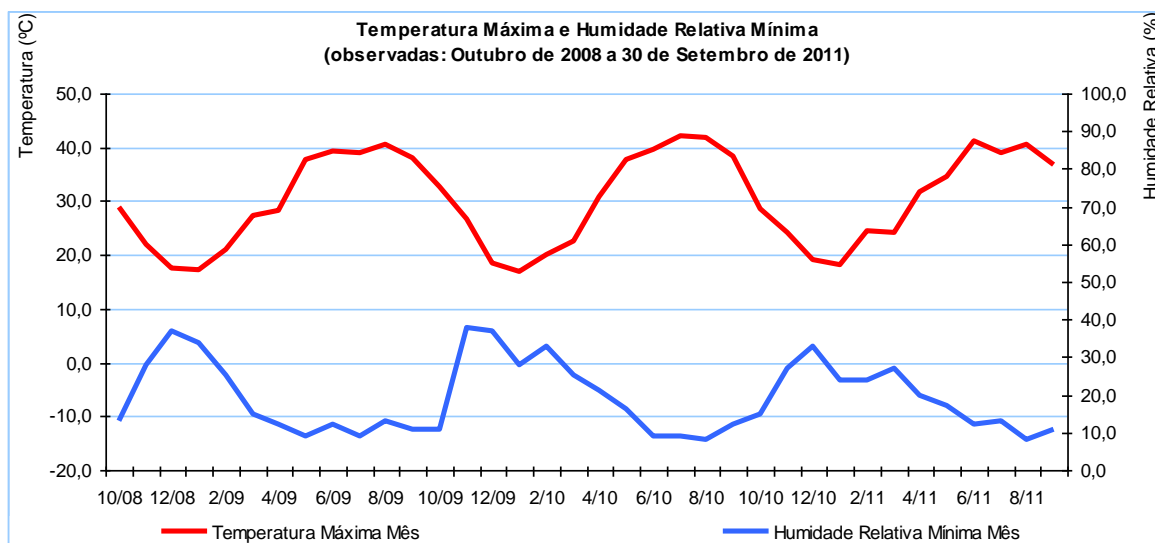
Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Quadro X III – Distribuição da temperatura média com a humidade relativa média de Out/2008 a Set/2011.
Valores médios mensais



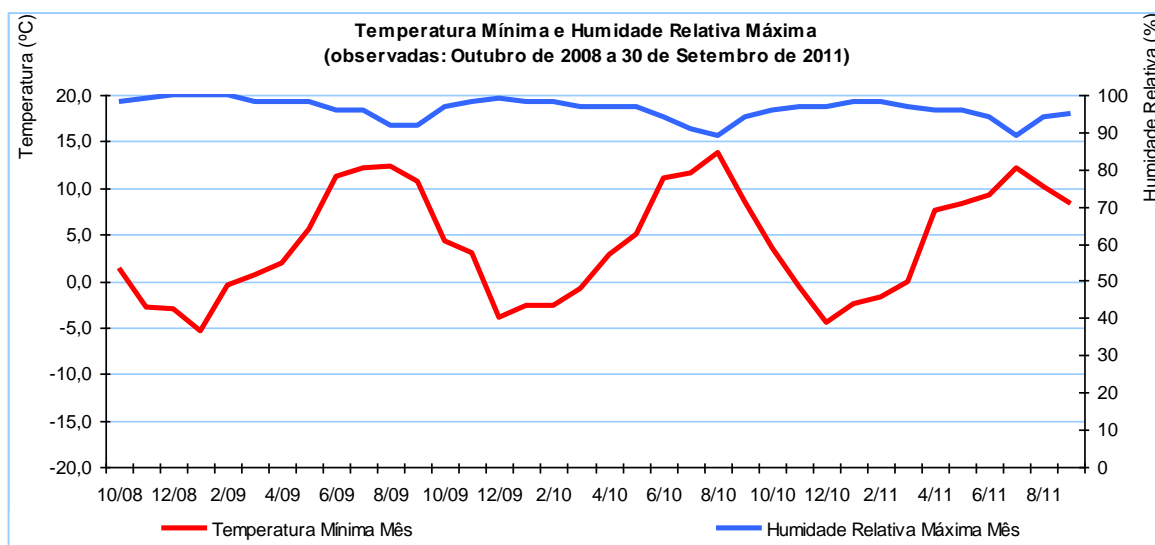
Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Quadro X IV – Distribuição da temperatura máxima com a humidade relativa mínima de Outubro/2008 a Setembro/2011. Valores médios mensais



Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Quadro XV – Distribuição da temperatura mínima com a humidade relativa máxima de Outubro/2008 a Setembro/2011. Valores médios mensais



Fonte: Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Mais dados poderão ser consultados ou solicitados em:

- Site do Instituto de Meteorologia, I. P (www.meteo.pt), na secção “O Clima – Boletins Climatológicos” e na secção “Agrometeorologia – Boletins Agrometeo”, como utilizador registado (o registo é à data gratuito).
- Site do INAG – SNIRH (snirh.pt) na secção “Dados Sintetizados > Recursos Hídricos > Boletim de Precipitação > Estação 16K/01G Vila Velha de Ródão.
- DRAPC – Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (www.drapc.min-agricultura.pt).

5 – EXPLORAÇÃO DA ALBUFEIRA E GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS DISPONÍVEIS

5.1 – Caracterização da Barragem (Albufeira)

Quadro X V I – BARRAGEM DO AÇAFAL

BARRAGEM DO AÇAFAL	
UTILIZAÇÕES – Rega	
LOCALIZAÇÃO	DADOS GERAIS
Distrito – Castelo Branco Concelho – Vila Velha do Ródão Local – Tostão Bacia Hidrográfica – Tejo Linha de Água – Ribeira do Açafal	Promotor – Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior (DRABI) Dono da Obra – Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior (DRABI) Projectista – HIDROPROJECTO Construtor – Soares da Costa, SA e António Joaquim Maurício, Lda. Ano de projecto – 1997 Ano de Conclusão – 2004
CARACTERÍSTICAS HIDROLÓGICAS	CARACTERÍSTICAS DA ALBUFEIRA
Área da Bacia Hidrográfica – 46,5 km ² Caudal de cheia – 192 m ³ /s Período de retorno – 1000 anos	Área inundada ao NPA – 200 x 1000 m ² Capacidade total – 1790 x 1000 m ³ Capacidade útil – 1790 x 1000 m ³ Nível de pleno armazenamento (NPA) – 112,6 m Nível de máxima cheia (NMC) – 114,75 m
CARACTERÍSTICAS DA BARRAGEM	DESCARREGADOR DE CHEIAS
Aterro – Terra zonada Altura acima da fundação – 29 m Altura acima do terreno natural – 26 m Cota do coroamento – 116 m Comprimento do coroamento – 121 m Largura do coroamento – 7,5 m Fundação – Xistos Volume de aterro – 138 x 1000 m ³	Localização – Margem esquerda Tipo de controlo – Sem controlo Tipo de descarregador – Canal de encosta Cota da crista da soleira – 112,6 m Desenvolvimento da soleira – 47,3 m Caudal máximo descarregado – 188 m ³ /s Dissipação de energia – Salto de esquí
DESCARGA DE FUNDO	
Localização – Margem direita Tipo – Em conduta sob o aterro Secção da conduta – d 700 mm Caudal máximo – 1,5 m ³ /s Controlo a montante – Comportas planas Controlo a jusante – Válvula de jacto oco de 350 mm	

Fonte: INAG – Barragem do Açafal

5.2 – Monitorização dos níveis de armazenamento

No acompanhamento da evolução do armazenamento de água na albufeira, já iniciado em anos transactos, foi executada uma monitorização com a periodicidade de 2 vezes por semana, durante o período da Campanha de Rega 2011.

Os dados observados encontram-se registados na aplicação SIGIPRA. Devido ao facto de a captação não possuir um caudolímetro, todas as observações referem-se às cotas de armazenamento lidas na torre de captação.

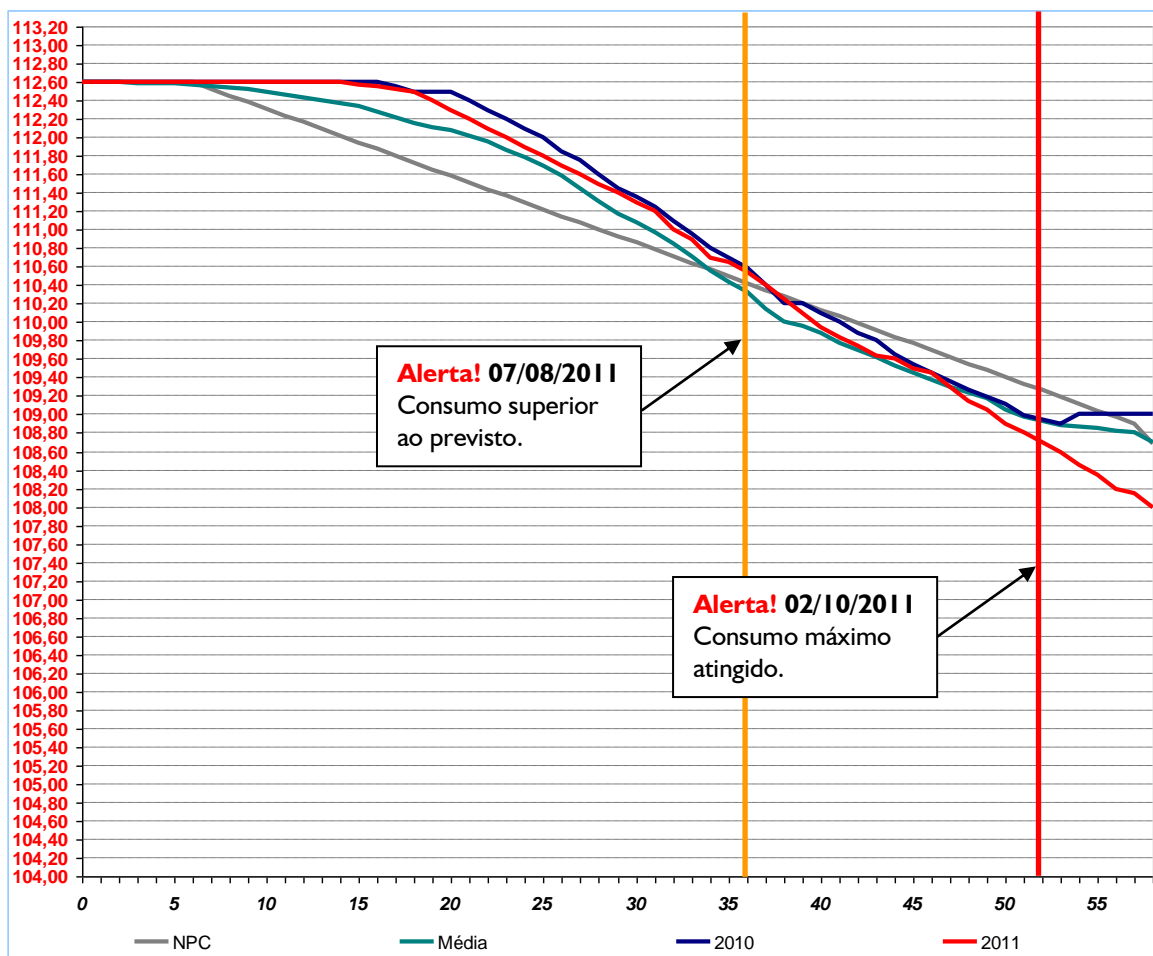
Quadro XV II – Tabela de níveis de exploração

Variável	ABRV	Cota	Volume	Ha	%
Nível Pleno Armazenamento	NPA	112,60	1.746	320,000	100,0
Nível Mínimo Exploração	Nme	100,00	0	0,000	0,0
Média para 2 Anos (50%)	NPS50	108,00	991	160,000	50,0
Média para 2 Anos (25%)	NPS25	104,91	851	240,053	25,0

Fonte: JARAL – Níveis de Armazenamento 2011

Dos dados da Campanha com início em 13/04/2011, o armazenamento apresentava-se na cota máxima (112,60 mm) e um volume armazenado de cerca de 1746 Mm3, estando prevista uma dotação média de 561,037 Mm3 de água para 136,748 ha declarados.

Quadro XV III – Evolução do nível de armazenamento por cotas de nível



NPC - Nível Previsto Campanha (Curva de evolução do Armazenamento para a Campanha de Rega)

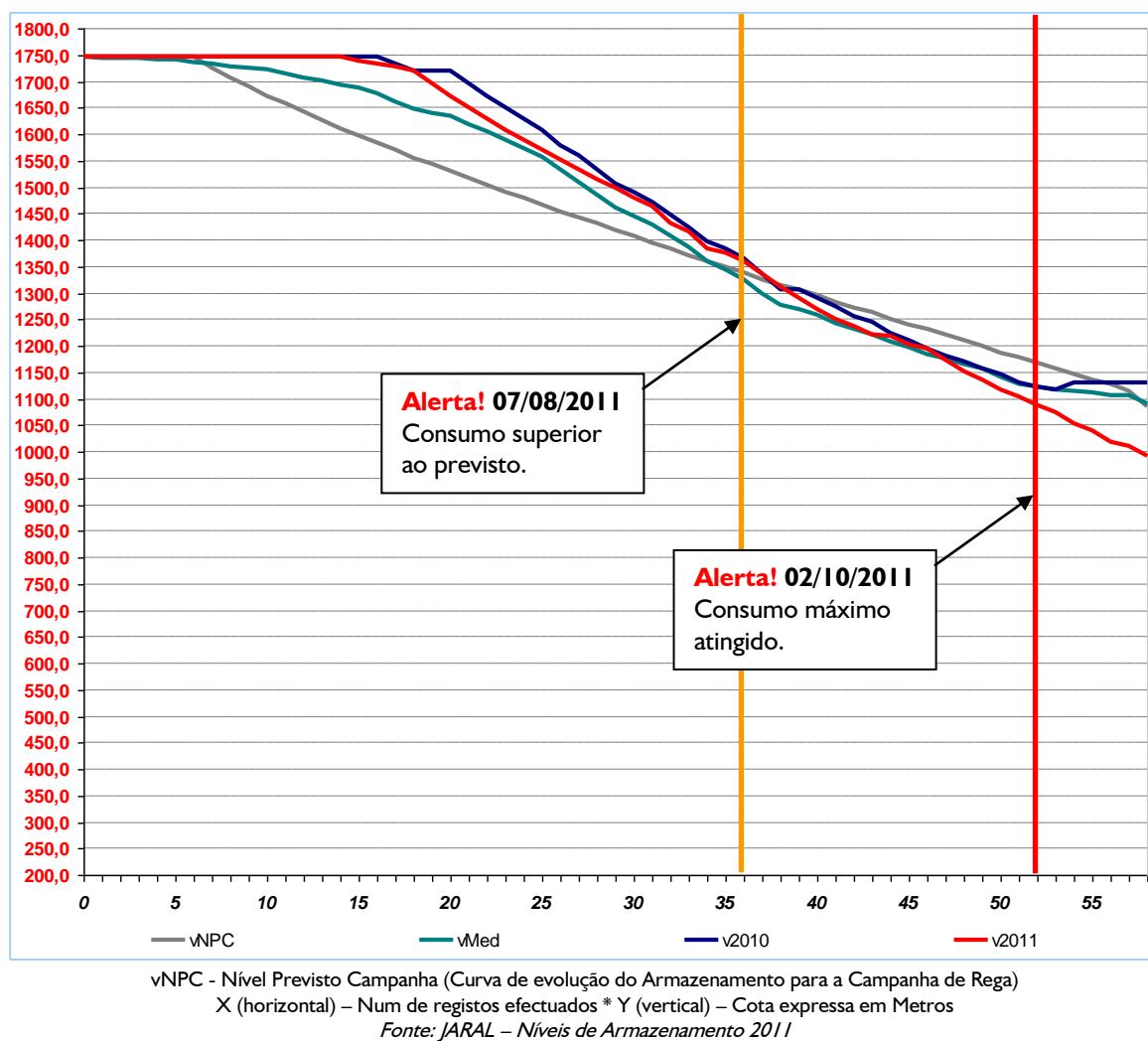
X (horizontal) – Num de registos efectuados * Y (vertical) – Cota expressa em Metros

Fonte: JARAL – Níveis de Armazenamento 2011

Da contínua monitorização, foi lançado:

- O primeiro alerta a 07/08/2011, para a existência de um consumo superior ao previsto, com 1359 Mm3 armazenados para 1399 Mm3 previstos, de notar que até 22/05/2011, o armazenamento manteve-se no máximo, e que no período de 22/05/2011 a 07/08/2011, o consumo a situar-se numa média de 35,94 m3/ha diários.
- Um segundo alerta a 02/10/2011, quando se ultrapassou as dotações previstas, de referir que atingiram valores máximos de 59,00 m3/ha diários, sendo a média de 35,38 m3/ha diários.

Quadro X IX– Evolução do nível de armazenamento por volume (Mm3)



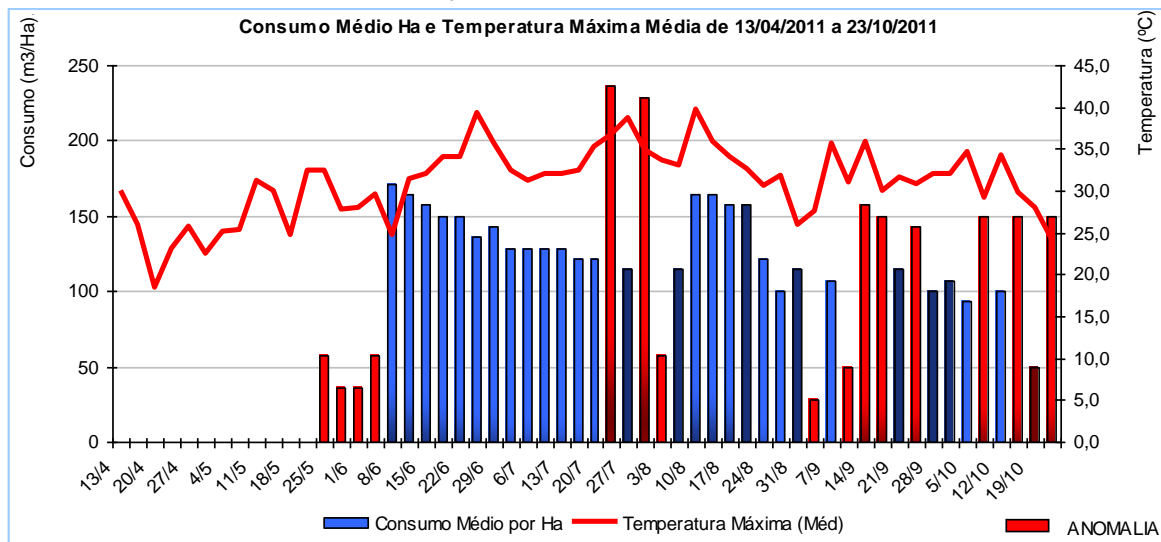
Da análise dos quadros anteriores pode-se concluir que:

- Os consumos acompanharam os referentes a 2010 até 10/07/2011, e abaixo dos consumos de 2010, sendo sempre superiores aos valores médios (2007 a 2010). De notar que, mesmo com a aplicação das NURA (Normas para o Uso Racional da Água) o consumo se situou sempre em valores superiores às dotações previstas.

No final da Campanha em 23/10/2011, tinham sido consumidos cerca de 755 Mm3 de água, a que corresponde uma dotação de 5521 m3/ha (5277 m3/ha em 2010), com um excesso de consumo de mais 177 Mm3 (23,44 %).

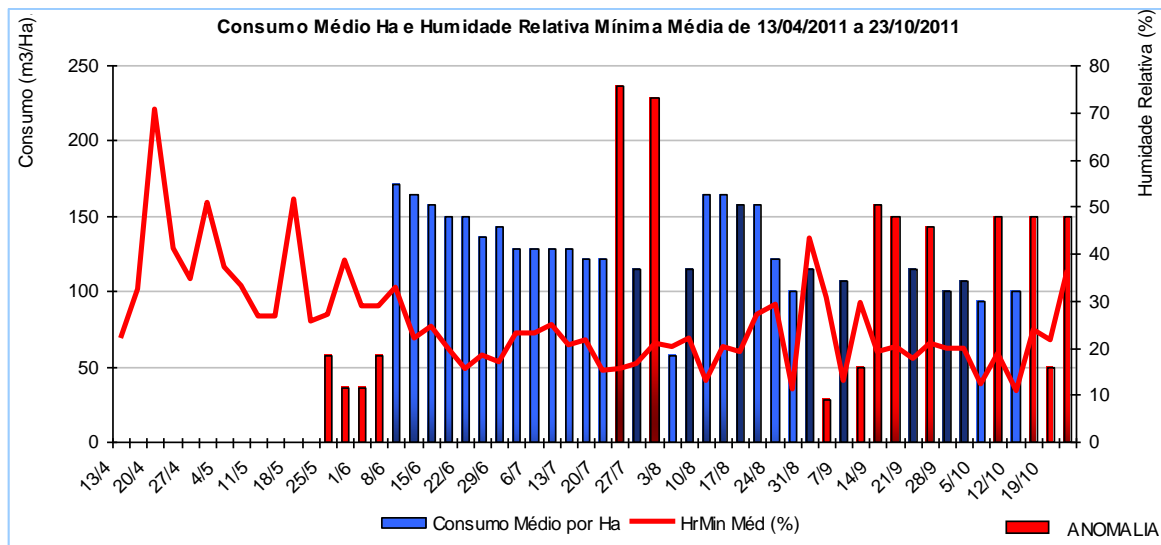
Analisando os gráficos dos quadros XX e XXI, com o cruzamento dos Consumos Médios por Ha registados à data e por período de leitura do armazenamento com a Temperatura Máxima Média e Humidade Relativa Mínima Média, pode-se concluir que os procedimentos de rega poderão não estar a ser os mais correctos do ponto de vista das necessidades hídricas das culturas.

Quadro XX – Comparação dos consumos médios totais por ha e período de leitura do armazenamento, com a temperatura máxima (média) observada



Fonte: Níveis de Armazenamento 2011 (JARAL) - Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Quadro XXI – Comparação dos consumos médios totais por ha e período de leitura do armazenamento, com a humidade relativa mínima (média) observada



Fonte: Níveis de Armazenamento 2011 (JARAL) - Estação Coutada VVRódão (DRAPC)

Verifica-se uma irregularidade nos consumos ao longo da campanha, bem como 17 anomalias, que as altas temperaturas e baixos índices de humidade não justificam. No entanto as 4 primeiras anomalias poderão ser justificadas, pela razão de algumas áreas/culturas não efectuarem rega, e pela própria reposição de água na Barragem pelas nascentes a montante.

Considerando-se que o caudal da Ribeira do Açafal, se manteve desde o início da campanha até 02/06/2011, nos cálculos efectuados não foi considerado o índice de evaporação do armazenamento.

5.3 – Estação de Bombagem– Rede de Alta Pressão/Bombagem (Bloco 2 e 3)

Devido ao facto da Estação de Bombagem, que serve os Blocos RBI (Quinta da Ordem), RB2 (Monte do Cabeço) e RB3 (Lucriz), não estar em funcionamento por razões de não qualquer actividade de bombagem por parte dos três Blocos, a Direcção da Junta obrigada face aos elevados custos associados e sem retorno proceder ao desligamento da energia em 17/08/2010, tendo desse facto informado os regantes desses Blocos, bem como seguiu a devida informação para a DRAPC.

Pelas razões anteriores, e como referência apresentam-se dos dados relativos a 2009/2010.

Quadro XX II – Consumos de energia da Estação de Bombagem

<i>Energia</i>	<i>Tipo</i>	<i>Kw/un</i>	<i>P/un</i>	<i>F/dias</i>	<i>Preço</i>
Termo tarifário fixo		14,00	1,539	324,00	498,65
En Activa super vazio	Consumo	558,93	0,054	14,00	30,17
En Activa super vazio	Perdas Transformador	494,17	0,055	14,00	27,04
En Activa vazio normal	Consumo	1557,58	0,058	14,00	89,95
En Activa vazio normal	Perdas Transformador	745,42	0,059	14,00	43,68
En Activa ponta	Consumo	591,36	0,174	14,00	103,18
En Activa ponta	Perdas Transformador	494,64	0,176	14,00	86,86
En Activa cheias	Consumo	1798,00	0,090	14,00	162,18
En Activa cheias	Perdas Transformador	1243,10	0,091	14,00	113,57
Potência contratada		79,71	0,014	324,00	370,95
Potência horas de ponta	Consumo	3,07	0,047	355,00	51,31
Potência horas de ponta	Perdas Transformador	5,37	0,031	355,00	58,34
En Reactiva fornecida vazio	Consumo	0,00	0,000	14,00	0,00
En Reactiva fornecida vazio	Perdas Transformador	0,00	0,000	14,00	0,00
En Reactiva cons fora vazio	Consumo	360,00	0,018	14,00	6,41
En Reactiva cons fora vazio	Perdas Transformador	0,00	0,000	14,00	0,00
Arredondamento	EDP	8,00	0,001	8,00	0,01
Contribuição áudio-visual	Outras	13,00	0,00	14,00	22,70
Imposto de Selo - Contrato	Outras	1,00	0,00	1,00	5,00
Imposto de Selo - Caução	Outras	1,00	0,00	1,00	5,68

Fonte: JARAL – EDP-2009/2010 Energia

Quadro XXIII – Consumos fixos de energia da Estação de Bombagem

<i>Descrição</i>	<i>Tipo</i>	<i>Kwh</i>	<i>P/un (€)</i>	<i>Meses</i>	<i>Total (€)</i>
Termo tarifário fixo	Fornecimento	-	1,539	12	498,65
Energia	Perdas Transformador	2977,33	0,091	12	271,15
Potência horas de ponta	Perdas Transformador	5,37	0,031	12	58,34
Contribuição áudio-visual	Taxas	-	-	12	22,71
Total Anual				12	850,85
Total Mensal (médio)				1	70,90

Fonte: JARAL – EDP-2009/2010 Energia

Dos valores extraídos do relatório do ano 2009, e relativos aos consumos/bombagem verificados, foram calculados para o preço médio m3 Bombado o valor de 0,037 € (Euros), tendo como referência que o caudal da bomba instalada é de 270 m3/hora para uma potência de 55 Kw, não incluindo custos de manutenção/reparação de equipamentos.

6 – CAMPANHA DE REGA

A Campanha de Rega de 2011 decorreu de uma forma geral que se pode considerar como normal para o Bloco de Baixa Pressão, com áreas regadas de 136,748 ha (em 1ª culturas 131,105 ha e 5,643 ha em 2ª culturas), um acréscimo de 25,78 % em relação a 2010 (101,481 ha).

Quanto ao Bloco Pressão/Bombagem que passou a estar inactivo, pela razão dos respectivos regantes não terem feito uso do equipamentos postos ao seu dispor, situação essa a ser considerada em análise posterior a este relatório.

Quadro XX IV – Áreas afectas e inscritas por Tipo de Abastecimento

COD	Descrição	Afecta Ha	Regada Ha	%
RGN	Baixa Pressão (1ª Cultura)	191,03	113,397	59,4
RGN	Baixa Pressão (2ª cultura)		5,643	3,0
EGA/EPA	Externo (regime precário)	35,353	17,708	50,1
RPA/QPA	Alta Pressão/Bombagem	134,324	0,000	0,0
Total		360,707	136,748	37,9

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Exploração 2011

A entrega das Declarações de Culturas por parte dos regantes, decorreu numa forma quase normal, tendo a Junta disponibilizado um posto de recepção para a sua entrega. Lamentavelmente e novamente houve a necessidade de aplicação do artigo 7º do Regulamento n.º 01/2010 de 27 de Fevereiro, a alguns regantes que depois de notificados por escrito da falta da entrega da respectiva declaração, não cumpriram essa mesma obrigação.

Da verificação inicial por parte dos serviços da Junta das Declarações de Culturas recebidas em comparação com as culturas instaladas nas parcelas, não foi detectada nenhuma irregularidade relevante. No entanto, verificou-se a instalação de segundas culturas regadas em algumas parcelas, e não constantes da respectiva declaração, situação essa que os serviços da Junta procederam ao respectivo controle e levantamento.

Do Quadro XXV pode-se concluir que a execução de 62,40 % de áreas regadas no Bloco de Baixa Pressão em culturas Primavera-Verão e 2ª Culturas continua um bom indicador, atendendo ao facto da existência de outras culturas (Outono-Inverno e Olival), e que a principal actividade agrícola dentro do PRAHA está orientada para a produção animal (Ovinos de Leite), aliás como demonstra o Quadro XXIV, com as principais culturas a se destinarem para alimentação animal. Não se considera aqui a execução para todo o PRAHA, devido à não existência de rega nos Blocos de Alta Pressão/Bombagem.

Nesta análise não foram feitas considerações, tal como no relatório anterior sobre as culturas Outono-Inverno, por falta de um levantamento da sua ocupação cultural em termos de área, devido ao tipo de explorações existentes orientadas para a produção animal, e as mesmas terem uma área percentual considerável na área total do PRAHA, e também que esse tipo de culturas são essenciais para o conjunto produtivo das explorações e as mais adequadas para o tipo de modo produção sustentável praticado MPB (Modo de Produção Biológico). A produção em MPB ocupa cerca de 160 ha (50%) do PRAHA, numa área total e praticamente contígua de 1105 ha.

Quadro XXV – Áreas inscritas por Cultura

COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista m3
		Ha	%	
0	Multi-Culturas	20,776	5,7	3.049
CITR	Citrinos	1,026	0,3	5.643
FFRA	Feijão Frade e Variantes	8,866	2,4	0
FLOR	Floricultura	0,117	0,0	439
HOR	Horticultura	7,260	2,0	36.300
INV	Outono-Inverno	41,061	11,3	17.255
LUZ	Luzerna	0,235	0,1	1.410
MIL	Milharada	45,040	12,4	110.703
MILF	Milho Silagem	7,044	1,9	31.698
MILH	Milho Grão	1,730	0,5	9.515
OLI	Olival	57,256	15,7	8.973
PAST	Pastagem Permanente	58,632	16,1	8.346
POM	Pomóideas	1,831	0,5	6.409
POU	Pousio	0,151	0,0	0
PRAS	Prado Temporário Sequeiro	9,095	2,5	0
PRAT	Prado Temporário Regadio	60,009	16,5	174.816
PRU	Prunóideas	0,848	0,2	2.968
SOR	Sorgo (Erva do Sudão)	39,816	10,9	159.004
VIN	Vinha	1,008	0,3	1.764
XXX	Inculta ou Abandonada	2,043	0,6	0
Total		363,844	100,0	578.292

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Exploração 2011

Analisando ainda o Quadro XXV, se as principais culturas instaladas continuam como na campanha anterior a ser destinadas à alimentação animal, seja por pastoreio directo (com os Prados Permanentes de Regadio / Pastagens Permanentes – 32,6 % e Milharadas – 12,4 %) e corte (como o Sorgo – 10,9 %, Milho Silagem – 2,0 % e Milho Grão – 0,5 %).

A Olivicultura – 15,7 % que ocupa uma grande área dentro PRAHA, normalmente o Olival Tradicional consorciado a outras culturas em sub-coberto, e de uma área com Olival Intensivo que se espera, em breve seja instalado e numa área considerável.

De referir a Horticultura como ocupação cultural (2,0 %), pois a sua existência permite uma movimentação das pessoas afastadas à muito da terra (agricultura), como valoriza os produtos produzidos por métodos tradicionais.

Quanto à produção de fruteiras e vinha (uva de mesa), é uma área ocupada muito pouco relevante, mas que poderá ter no futuro um lugar de destaque, já que as condições edafo-climáticas o permitem na zona em que o PRAHA está inserido, especialmente no que diz respeito à cultura de marmelo, ameixas, alperces, pêssegos, diospiros, figos, uva (mesa, passa e vinho) e, eventualmente de pequenos frutos como o mirtilo.

Outras experiências em anos transactos como a Floricultura ao ar livre, também se revelou interessante com as condições existentes para esse tipo de produção.

De referir também, a aplicação das NURA em 16,721 ha (cerca de 12,2 % da área total regada) das áreas regadas, em que foi praticado o regime de rega por alagamento não controlado, e que o factor de correcção corrigiu a área para 53,442 ha (para uma dotação prevista de 320,625 Mm3), tendo os regantes sido penalizados pela Quota de Exploração correspondente.

Da análise dos Quadros XXVI e quanto ao Tipo de Distribuição, conclui-se que as culturas instaladas seguem a tendência do atrás exposto e considerado para o Quadro XXV.

Quadro XXV I – Áreas inscritas por Cultura e Tipo de Distribuição

Tipo	COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista
			Ha	%	m3
RGN	0	Multi-Culturas	0,796	0,4	0
RGN	CITR	Citrinos	0,860	0,4	4.730
RGN	FFRA	Feijão Frade e Variantes	9,726	4,4	4.730
RGN	HOR	Horticultura	5,264	2,4	26.320
RGN	INV	Outono-Inverno	34,813	15,7	17.255
RGN	LUZ	Luzerna	10,405	4,7	1.410
RGN	MIL	Milharada	42,200	19,0	102.183
RGN	MILH	Milho Grão	1,730	0,8	9.515
RGN	OLI	Olival	36,564	16,4	8.613
RGN	PAST	Pastagem Permanente	5,230	2,4	0
RGN	POM	Pomóideas	1,143	0,5	4.001
RGN	POU	Pousio	0,151	0,1	0
RGN	PRAT	Prado Temporário Regadio	31,875	14,3	169.392
RGN	PRU	Prunóideas	13,350	6,0	60.220
RGN	SOR	Sorgo (Erva do Sudão)	25,216	11,3	100.604
RGN	VIN	Vinha	1,008	0,5	1.764
RGN	XXX	Incultas ou Abandonadas	2,043	0,9	0
Total			222,374	100,0	510.737

Tipo	COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista
			Ha	%	m3
QPA	INV	Outono-Inverno	6,248	4,7	0
QPA	PRAS	Prado Temporário Sequeiro	8,412	6,3	0
RPA	0	Multi-Culturas	19,167	14,3	0
RPA	OLI	Olival	20,572	15,3	0
RPA	PAST	Pastagem Permanente	52,011	38,7	0
RPA	PRAT	Prado Temporário Regadio	27,913	20,8	0
Total			134,323	100,0	0

Tipo	COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista
			Ha	%	m3
EGA	0	Multi-Culturas	0,813	2,7	3.049
EGA	CITR	Citrinos	0,166	0,5	913
EGA	FLOR	Floricultura	0,117	0,4	439
EGA	HOR	Horticultura	1,996	6,5	9.980
EGA	MIL	Milharada	2,840	9,3	8.520
EGA	MILF	Milho Silagem	7,044	23,0	31.698
EGA	OLI	Olival	0,120	0,4	360
EGA	PAST	Pastagem Permanente	1,391	4,5	8.346
EGA	POM	Pomóideas	0,688	2,2	2.408
EGA	PRAT	Prado Temporário Regadio	0,904	2,9	5.424
EGA	SOR	Sorgo (Erva do Sudão)	14,600	47,6	58.400
Total			30,679	100,0	129.537

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Exploração 2011

Quanto ao Tipo de Rega praticado, e da análise do Quadro XXV II e Quadro XXV III, a rega por equipamentos de Aspersão (Canhões > 3/4" e Cobertura Total) ocupam a maior percentagem de área regada (35,0 %), seguindo-se as Máquinas de Rega com 26,83 % de área regada.

Quadro XXV II – Áreas inscritas por Cultura e Tipo de Rega

COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista m3
		Ha	%	
0	Indefinida	2,197	0,6	7.950
1	Máquina de Rega	37,517	10,3	140.896
2	Pivot	12,200	3,4	48.800
3	Aspersão (Canhões > 3/4")	19,896	5,5	78.535
4	Aspersão (Cobertura Total)	29,031	8,0	115.025
5	Alagamento	26,721	7,3	137.071
7	Localizada	5,733	1,6	17.345
12	Sulcos	6,534	1,8	32.670
15	Não Regada	221,944	61,0	0
16	Suspensão do fornecimento	2,071	0,6	0
17	Factor de correcção	53,442	---	320.652
Total		363,844	100,0	898.944

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Exploração 2011

Relativamente às Áreas Inscritas por Cultura por Tipo de Rega e por Tipo de Distribuição (da análise do Quadro XXV III), os padrões são similares aos anteriores quadros.

Quadro XXV III – Áreas inscritas por Cultura, Tipo de Rega e Tipo de Distribuição

Tipo	COD	Descrição	Área Regada Total		Dotação Prevista m3
			Ha	%	
RGN	0	Indefinida	0,957	0,3	2.871
RGN	1	Máquina de Rega	31,017	8,5	111.646
RGN	3	Aspersão (Canhões > 3/4")	18,396	5,1	73.035
RGN	4	Aspersão (Cobertura Total)	22,452	6,2	86.187
RGN	5	Alagamento	26,721	7,3	137.071
RGN	7	Localizada	4,913	1,4	14.475
RGN	12	Sulcos	4,694	1,3	23.470
RGN	15	Não Regada	87,621	24,1	0
RGN	16	Suspensão do fornecimento	2,071	0,6	0
QPA	15	Não Regada	14,660	4,0	0
RPA	16	Não Regada	119,663	32,9	0
EGA	0	Indefinida	1,240	0,3	5.079
EGA	1	Máquina de Rega	6,500	1,8	29.250
EGA	2	Pivot	12,200	3,4	48.800
EGA	3	Aspersão (Canhões > 3/4")	1,500	0,4	5.500
EGA	4	Aspersão (Cobertura Total)	6,579	1,8	28.838
EGA	7	Localizada	0,820	0,2	2.870
EGA	12	Sulcos	1,840	0,5	9.200
Total			363,844	100,0	578.292

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Exploração 2009

Nas áreas em que se efectuou rega por Alagamento (com um valor de – 21,2 %), os reais consumos foram em muito superiores às dotações previstas, devido ao facto das parcelas

não estarem preparadas para esse tipo de rega, seja pelo tipo de solo ou ainda a não existência de patamares, leva a um desperdício de água. Aliás a situação de excesso de consumo de água e mau uso da mesma, levou à aplicação das NURA às áreas nessa situação.

7 – ESTRUTURA FUNDIÁRIA

A estrutura fundiária do PRAHA distribui-se numa pulverização de parcelas principalmente a Norte, tendendo para Sul num menor número de parcelas, mas com áreas de maiores dimensões (ha).

Da análise do Quadro XV I, extrai-se que a Área Média por Parcela é cerca de 1,899 ha, enquanto a Área Média por Regante ronda os 3,680 ha, numa situação de um misto de micro parcelas com algumas de média a baixa dimensão, o mesmo acontecendo, quando se analisa a distribuição parcelar por sistema de distribuição.

Quadro XX IX – Distribuição parcelar – Regantes - Área

Ano	Parcelas Nº	Regantes Nº	Área Total	
			Afecta	Regada
			Ha	Ha
2009	172	92	320,883	173,405
2010	182	97	321,505	119,189
2011	194	101	360,707	131,105

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Parcelar 2011

Quadro XXX – Distribuição Parcelar por Sistema

Sistema	Parcelas	Área Total Afecta
	Nº	Ha
EGA	26	35,353
QPA	1	14,660
RGN	158	191,030
RPA	9	119,664

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Parcelar 2011

8 – TAXAS E QUOTAS PRATICADAS NA CAMPANHA DE REGA 2011

As Taxas e Quotas aplicadas no PRAHA, foram as que constam no Quadro XVIII:

Quadro XXX I – Tabela de Preços 2011

Cod	Descrição	Sistema	Tipo	Un	Valor UN	Taxa Iva	Obs
CAV1	Contribuição audiovisual	0	Pressão	un	1,00	6	06
CPOR	Portes	0	Diversos	un	0,00	23	00
CSEL	Selos, Registos (Correio)	0	Diversos	un	0,00	0	00
DC01	Débitos e Créditos Diversos	0	Diversos	un	0,00	0	00
EC01	Energia Eléctrica (Consumo)	0	Pressão	Kwh	0,00	6	06
EP01	Energia Eléctrica (Contratada)	0	Pressão	un	1,00	6	06
EP02	Energia Eléctrica (Potência)	0	Pressão	Kw	0,00	6	06
ETF1	Energia Eléctrica (Termo Tarifário Fixo)	0	Pressão	un	1,00	6	06
INST	Instalação e Montagem de contador	0	Diversos	un	1,00	23	00
JR04	Juros	0	Juros	%	0,00	23	08
PEXT	Elaboração do Processo (P. Serviços)	0	Diversos	un	25,00	23	00
QEEA	Quota de Exploração - Opção A	EGA	Externo	Ha	40,00	23	00
QEEB	Quota de Exploração - Opção B	EGB	Externo	m3	0,0120	23	07
QEG1	Quota de Exploração (1ª Cultura/Perm.)	RGN	Gravidade	Ha	20,00	0	03
QEG2	Quota de Exploração (2ª Cultura)	RGS	Gravidade	Ha	15,00	0	10
QEGN	Quota de Exploração	RGN	Gravidade	Ha	20,00	0	03
QEPA	Quota de Exploração - Opção A	RPA	Pressão	Ha	0,00	0	03
QEPB	Quota de Exploração - Opção B	RPB	Pressão	m3	0,0406	6	09
QEQA	Quota de Exploração - Opção A	QPA	Qordem	Ha	0,00	0	02
QEQB	Quota de Exploração - Opção B	QPB	Qordem	m3	0,0406	6	09
QMPA	Quota de Conservação - Opção A	RPA	Pressão	Ha	20,00	0	02
QMPB	Quota de Conservação - Opção B	RPB	Pressão	Ha	0,00	0	05
QMQA	Quota de Conservação - Opção A	QPA	Qordem	Ha	20,00	0	03
QMQB	Quota de Conservação - Opção B	QPB	Qordem	Ha	0,00	0	05
TR01	Taxa de Restabelecimento	0	Taxas	Un	30,00	23	00
TS01	Taxa (Valor Suplementar ao Consumo)	0	Taxas	%	10,00	23	09
TS02	Taxa (Valor Suplementar ao Consumo)	0	Taxas	%	20,00	23	09
TX01	Taxa (Artº 5 do RCARP)	0	Externo	%	10,00	23	04
TX02	Taxa (Artº 15 do RCARP)	0	Gravidade	%	10,00	23	00
TX03	Taxa (Artº 21 do RCARP)	0	Gravidade	%	20,00	23	00
TX04	Taxa (Artº 7 do RCARP)	0	Taxas	Un	30,00	23	00

CodObs Descrição

00

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

"(*2) - O valor da Quota de Conservação é fixada de acordo com o Art. 66 do Decreto-Lei n.º 86/2002 de 6 de Abril, e com o disposto no Capítulo II, Art. 8º e seguintes do Decreto Regulamentar n.º 86/82 de 12 de Novembro."

"(*3) - O valor da Quota de Exploração é fixada de acordo com o Art. 66 do Decreto-Lei n.º 86/2002 de 6 de Abril, e com o disposto no Capítulo II, Art. 8º e seguintes do Decreto Regulamentar n.º 86/82 de 12 de Novembro."

"(*4) - O valor da Taxa de Agravamento é fixada de acordo com o N.º 3 do Art. 67 do Decreto-Lei n.º 86/2002 de 6 de Abril.

"(*5) - Não definida, ou em função do valor unitário base do operador do serviço

"(*6) - Em função do valor unitário base do operador do serviço, ou do regulador.

"(*7) - Inclui a Quota de Conservação e para um consumo mínimo de 3667 m3/ha.. Consumos com valores de 3667 m3/ha até 5600 m3/ha será acrescido do valor suplementar de 10 %. Consumos com valores superiores a 5000 m3/ha será acrescido do valor suplementar de 20 %.

"(*8) - Taxa legal em vigor, à data da cobrança dos mesmos.

"(*9) - Valor de referência para tarifa plana, ajustáveis em função dos custos reais de exploração (Preços de fornecimento do operador de energia)."

"(*10) - Valor a aplicar para 2ª Cultura instalada durante a Campanha de Rega a decorrer, e de declaração obrigatória. (não aplicável à horticultura tradicional)."

Fonte: JARAL – SIGIPRA – Tabelas 2011

9 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Da análise final sobre a actividade do PRAHA, pode-se afirmar que o exercício de 2011 decorreu de uma forma geral satisfatória, mas que no futuro, como foi afirmado em 2010 há que fazer ajustamentos de algumas práticas, seja da forma como se rega e se aproveita a água disponível, seja até de algumas práticas culturais, ou de algumas formas de estar perante a obra existente e os recursos disponíveis.

A actual situação económica de alguma indefinição para o futuro, leva os produtores a terem em atenção aos investimentos efectuados, e à sua rentabilização futura.

Também é certo, que nestes tempos conturbados, a nossa Agricultura tem sido o suporte e um exemplo, daquilo que devemos e temos obrigação de fazer pelo nosso País.

Com a entrada do próximo QCA (2014-2018), de uma nova forma da Política Agrícola Comum, aos agricultores cabe fazer a devida adequação programática das suas explorações, tanto mais e quanto é previsível, o ano de 2014 será um ano zero na forma como são atribuídas as ajudas comunitárias.

Vila Velha de Ródão, 24 de Fevereiro de 2012

O Presidente da Junta de Agricultores do Regadio do Açafal

(José Carlos Lopes Soares)

10 – CONTAS DO EXERCÍCIO ANO DE 2011

10.1 – Relatório Contas 2011

O exercício em análise decorreu sem problemas que mereçam qualquer registo. Os rendimentos recebidos, são os seguintes: “Venda de Energia no montante de 1.479,85 euros e “Prestação de Serviços”, no montante de 10.901,08 euros. Obtiveram-se ainda 15,27 € em “Outros Rendimentos não Especificados” e 29,54 € em “Outros Juros”.

Os gastos com os fornecimentos e serviços externos foi de 8.535,05 euros, com taxas gastaram-se 267,00 euros, em outras despesas foi de 41,11 euros, com quotizações gastaram-se 5,00 euros e relativamente a gastos e perdas financeiras gastaram-se 76,59 euros.

Tais diferenças, originaram que a Junta de Agricultores do Regadio do Açafal tivesse um resultado líquido positivo no montante de 3.500,99 euros.

A Associação não desenvolveu qualquer actividade cultural, nem de investigação e desenvolvimento, limitando-se a zelar pela manutenção das condutas da rega.

Após o termo do exercício e até ao presente momento não se verificou qualquer acontecimento relevante;

Face ao resultado obtido, propõe-se que o mesmo seja transferido para o Fundo Social da Junta.

Em Anexo I é feito o **”BALANÇO E DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 2011”**, e no Anexo II a **”DEMONSTRAÇÃO E RESULTADOS 2011”**

A contabilidade da Junta de Agricultores do Regadio do Açafal foi executada pelo Técnico Oficial de Contas, membro nº 48606 da Câmara dos Técnicos Oficiais de Conta.

Vila Velha de Ródão, 24 de Fevereiro de 2012

O Técnico Oficial de Contas

O Presidente da Junta de Agricultores do
Regadio do Açafal

(Mário Paulo Afonso)

(José Carlos Lopes Soares)

10.2 – Relatório Conselho Fiscal 2011

Com base no relatório de contas da JARAL, relativo ao exercício de 2011, e no acompanhamento das actividades da Associação, este Conselho Fiscal dá parecer favorável ao relatório anexo.

Toda a actividade da Associação foi pautada pelos seguintes factores:

- Criação de uma sede fixos e respectivos serviços em conjunto com a JARCT.
- Aumento do perímetro de rega.
- Investimento em equipamentos em cerca de 14% das despesas
- Dificuldades de cobrança das dívidas dos Regantes num total de 17% da facturação. Estando em curso a respectiva cobrança coerciva, nos termos da lei, pelos Serviços de Finanças.
- Desactivação da ligação de energia eléctrica ao sistema de bombagem.

Vila Velha de Ródão, 24 de Fevereiro de 2012

O Presidente do Conselho Fiscal

(Luís Alberto Rodrigues da Costa)

ANEXO I – BALANÇO E DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 2011

I - IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE

1.1 - Designação da entidade: Junta de Agricultores do Regadio do Açafal

1.2 - Sede: Vila Velha de Ródão

1.3 - Natureza da actividade:

- Administração , exploração e conservação da obra do Regadio Tradicional do Açafal.

2 - REFERENCIAL CONTABILISTICO DE PREPARAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

2.1 - As demonstrações financeiras apresentadas:

- Têm como referencial contabilístico o sistema de normalização contabilística, tendo sido adoptada a Norma Contabilística e de relato financeiro para pequenas entidades, de acordo com o disposto no nº 1 do artigo 9 do Decreto-lei nº 158/2009, de 13 de Julho, com as alterações introduzidas pela Lei 20/2010, de 23 de Agosto.

2.2 - Indicação e justificação das disposições do SNC:

- Não se verificaram casos excepcionais de derrogação pelo que as demonstrações financeiras dão uma imagem verdadeira e apropriada do activo, do passivo e dos resultados da entidade.

2.3 - Indicação e comentário das contas do balanço e demonstração de resultados não comparáveis com os do exercício anterior:

- Os conteúdos do balanço e da demonstração dos resultados são comparáveis com os do exercício anterior. No entanto, dada a aplicação prospectiva da NCRF-PE, se os valores registados na rubrica “Outros instrumentos Financeiros – Activos Financeiros” tivessem significado, o que não é o caso, não seriam comparáveis com os do exercício anterior dadas as alterações introduzidas, pelo actual normativo contabilístico.

2.4 - Adopção pela 2ª vez da NCRF-PE - DIVULGAÇÃO TRANSITÓRIA

- a)- Adoptou-se pela 2ª vez o sistema de normalização contabilística, tendo a transição do POC para o SNC ocorrido de acordo com o disposto no parágrafo 5 da NCRF-PE.
- b)- A transição dos anteriores princípios contabilísticos (POC) para o novo sistema SNC, não afectou a posição financeira da empresa e o seu desempenho relatado.

3 - PRINCIPAIS POLITICAS CONTABILISTICAS.

3.1 - Bases de mensuração usadas na preparação das demonstrações financeiras:

- As demonstrações financeiras foram preparadas todas de acordo com o princípio do custo histórico.

3.2 - Outras políticas contabilísticas relevantes:

- No exercício não há outras políticas relevantes a referir.

3.3 - Principais pressupostos relativos ao futuro:

- Não se prevêem alterações com significado relevante tendo as demonstrações financeiras sido preparadas numa perspectiva de continuidade.

3.4 - Principais fontes de incerteza das estimativas:

- Não se prevêem riscos significativos que exijam ajustamentos materiais nas quantias escrituradas de activos e passivos durante o próximo ano.

4 - POLITICAS CONTABILISTICAS, ALTERAÇÕES NAS ESTIMATIVAS E ERROS

4.1 - Efeitos da aplicação da norma no período:

- Sem aplicação.

e)- Nos registos do início e do fim do período não se verificou em qualquer elemento adições, revalorizações ou qualquer alienação de partes. Também não se verificaram nos activos classificados para venda qualquer alteração quer por avaliação de imparidades quer por reversões ou quaisquer outras alterações.

5.2 - Restrições à titularidade de activos, fixos tangíveis, dados como garantia:

- Não existem.

5.3 - Itens expressos por quantias revalorizadas:

- Não existem.

6 - ACTIVOS INTANGÍVEIS

6.1 - Divulgação por classe:

6.1.1 - Gerado internamente.

- Não existem.

6.1.2 - Outros.

- Não existem

6.2 - Quantia escriturada por activo com vida útil indefinida:

- Não existe qualquer activo nesta situação.

6.3 - Activos intangíveis materialmente relevantes para as demonstrações financeiras:

- Não aplicável.

6.4 - Activos intangíveis de carácter ambiental:

- Não aplicável.

7 - LOCAÇÕES

7.1 - Descrição por categoria dos activos, adquiridos no regime de locação financeira, das quantias líquidas escrituradas á data do balanço:

- Não existem.

8 - CUSTOS DE EMPRÉSTIMOS OBTIDOS

8.1. - Política contabilística adoptada nos custos:

- Não existem.

8.2 - Quantia de custos de empréstimo capitalizada durante o período.

- Não se verificou qualquer capitalização.

8.3 - Taxa de capitalização usada para determinar a quantia do custo dos empréstimos obtidos elegíveis para capitalização:

- Não tem aplicação.

9 - INVENTÁRIOS

- Não existem.

10 - RÉDITO**10.1- Políticas prosseguidas para reconhecimento do rédito incluindo os métodos adoptados para determinar a fase de acabamento de transacções que envolvam a prestação de serviços:**

- Prosseguiram-se as políticas contabilísticas adoptadas pelo SNC. O rédito compreende os montantes facturados na venda de energia, líquidos de impostos sobre o IVA. A prestação de serviços, diz respeito às quotas dos associados e manutenção do regadio.

10.2 - Quantia de cada categoria significativa de rédito reconhecida durante o período:

- Prestação de Serviços	12.380,93 €
- Outros Rendimentos	15,97 €
- Juros	29,54 €
Total	12.425,74 €

11 - PROVISÕES, PASSIVOS E ACTIVOS CONTINGENTES**11.1 - Divulgações para cada classe:**

Provisões, activos e passivos contingentes do período (em euros)

- Não foram consideradas conforme no quadro seguinte se pode constatar.

RUBRICAS	Saldo inicial	Aumentos	Reduções	Saldo final
Provisões - garantias a clientes				
Provisões - Processos judiciais em curso				
Outras provisões				
Activos contingentes				
Passivos contingentes				
Totais				

11.2 - Classes de passivo contingente à data do balanço:

Não se verificou em qualquer classe do passivo situações relevantes de contingência e aquelas em que ainda se podem pôr algumas dúvidas não é possível fazer uma estimativa significativa.

11.3 – Influxos de benefícios económicos prováveis:

- Não aplicável.

11.4 - Requisitos de reconhecimentos para provisões e passivos contingentes:

- As provisões e os passivos contingentes se, reconhecidos, sê-lo-iam a partir da informação da gerência.

13- EFEITOS DE ALTERAÇÕES EM TAXAS DE CÂMBIO

- Não se verificaram diferenças de câmbio nos resultados, com significado nas demonstrações financeiras.

14-IMPOSTOS SOBRE O RENDIMENTO**14.1 - Gastos (rendimento) por impostos correntes:**

- Não se verificaram

14.2 -Ajustamentos reconhecidos no período de impostos correntes de períodos anteriores:

- Não se verificaram.

14.3 - Influência directa nos capitais próprios:

- Não se verificou.

15 - INSTRUMENTOS FINANCEIROS

15.1 - Bases de mensuração, bem como as políticas contabilísticas utilizadas:

- No caso dos activos financeiros, se os houvesse, sujeitos a cotação seriam os valores, resultantes da respectiva avaliação, em função do respectivo valor verificado no último dia do ano. No caso dos restantes utilizou-se o do custo de aquisição.

15.2 - Quantia escriturada de cada uma das categorias de activos e passivos:

- a)- activos financeiros mensurados ao justo valor por contrapartida em resultados:
 - Não existem
- b)- Activos financeiros amortizados ao custo amortizado menos imparidade:
 - Não existem.

15.3 - Transferência de activos financeiros para uma outra entidade:

- Não se verificou.

15.4 - Garantia, penhor ou promessa, prestada de activos financeiros:

- Não se verificou.

15.5 - Situações de incumprimentos com empréstimos contraídos reconhecidos à data do balanço:

- Não se verifica

15.6 - Número de acções representativas do capital social da entidade, as respectivas categorias e o seu valor nominal:

- Sem aplicação.

15.7 - Quantias de aumentos de capital realizado no período e custo de emissão, bem como outros instrumentos de capital próprio realizado e a respectiva quantia acumulada à data do balanço:

- Sem aplicação.

16 - BENEFÍCIOS DOS EMPREGADOS

16.1 - Número médio de empregados durante o ano:

- Sem empregados

16.2 - Benefícios pós – emprego:

- Não se verificaram.

16.3 - Informação acerca do passivo contingente resultante de incerteza sobre o nº de empregados que aceitarão a oferta de benefícios de cessação de emprego:

- Não se aplica.

17 - DIVULGAÇÕES EXIGIDAS POR OUTROS DIPLOMAS LEGAIS

- Não aplicável.

18 - OUTRAS INFORMAÇÕES

- Não aplicável.

Nota: Tudo o que não é referenciado é porque não tem aplicação.

ANEXO II – DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS POR NATUREZAS MODELO REDUZIDO 2011

JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO ACAFAL

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS POR NATUREZAS (Modelo para ME)

Dezembro 2011

		Montantes expressos em EURO	
RUBRICAS	NOTAS	PERÍODOS	
		2011	2010
RENDIMENTOS E GASTOS			
Vendas e serviços prestados.....		12.380,93	5.693,34
Subsídios à exploração.....			
Variação nos inventários da produção.....			
Trabalhos para a própria entidade.....			
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas.....			619,57
Fornecimentos e serviços externos.....		8.535,05	3.931,58
Gastos com o pessoal.....			
Imparidade (perdas/reversões).....			
Provisões (aumentos/reduções).....			
Outros rendimentos e ganhos.....		44,81	57,33
Outros gastos e perdas.....		313,11	587,90
Resultados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos		3.577,58	611,62
Gastos/reversões de depreciação e de amortização.....			
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		3.577,58	611,62
Gasto líquido de financiamento.....		76,59	
Resultado antes de impostos		3.500,99	611,62
Imposto sobre o rendimento do período.....			
Resultado líquido do período		3.500,99	611,62

ANEXO III – BALANÇO INDIVIDUAL 2011

JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO ACAF/

BALANÇO (Modelo para ME)

Dezembro 2011

Montantes expressos em euro

RUBRICAS	NOTAS	PERÍODOS	
		2011	2010
ACTIVO			
Activo não corrente:			
Activos fixos tangíveis.....			
Activos intangíveis.....			
Investimentos financeiros.....			
Accionistas/sócios.....			
Activo corrente:			
Inventários.....			
Clientes.....		4.706,69	1.236,78
Estado e outros entes públicos.....		31,05	11,30
Diferimentos.....			
Outros activos correntes.....			1.135,12
Caixa e depósitos bancários.....		1.340,27	193,44
		6.078,01	2.576,64
Total do Activo		6.078,01	2.576,64

JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO ACAF

BALANÇO (Modelo para ME)

Dezembro 2011

Montantes expressos em euro

Montantes expressos em euro

RUBRICAS	NOTAS	PERÍODOS	
		2011	2010
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital próprio:			
Capital realizado.....			
Outros instrumentos de capital próprio.....			
Reservas			
Resultados transitados.....		2.504,44	1.892,82
Outras variações no capital próprio.....			
		2.504,44	1.892,82
Resultado líquido do período.....		3.500,99	611,62
Total do capital próprio		6.005,43	2.504,44
Passivo:			
Passivo não corrente			
Provisões.....			
Financiamentos obtidos.....			
Outras contas a pagar.....		24,20	72,20
		24,20	72,20
Passivo corrente			
Fornecedores.....			
Estado e outros entes públicos.....		48,38	
Diferimentos.....			
Outros passivos correntes.....			
		48,38	
Total do passivo		72,58	72,20
Total do Capital Próprio e do Passivo		6.078,01	2.576,64

ANEXO IV – BALANÇO RAZÃO FINANCEIRA 2011

JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO ACAFAL

Balanço Razão Financeira

Mensal e Acumulado.

Moeda - Euros

Cnt - 31.15.2011

Mes : Final

Pag. 1

Conta	Descrição	MES			ACUMULADO		
		Debito	Credito	Saldo	Debito	Credito	Saldo
11	CAIXA	0.00	0.00	0.00	8,134.41	7,581.92	552.49 D
12	DEPOSITOS A ORDEM	0.00	0.00	0.00	9,457.60	8,669.82	787.78 D
21	CLIENTES	0.00	0.00	0.00	14,002.88	9,296.19	4,706.69 D
22	FORNECEDORES	0.00	0.00	0.00	5,117.92	5,117.92	0.00
24	ESTADO E OUTROS ENTE	0.00	0.00	0.00	1,444.79	1,462.12	17.33 C
27	OUTRAS CONTAS A RECE	0.00	0.00	0.00	1,183.12	1,207.32	24.20 C
56	RESULTADOS TRANSITAD	0.00	0.00	0.00	0.00	2,504.44	2,504.44 C
62	FORNECIMENTOS E SERV	0.00	0.00	0.00	8,535.05	8,535.05	0.00
68	OUTROS GASTOS E PERD	0.00	0.00	0.00	313.11	313.11	0.00
69	GASTO E PERDAS FINAN	0.00	0.00	0.00	76.59	76.59	0.00
72	PRESTACOES DE SERVIC	0.00	0.00	0.00	12,380.93	12,380.93	0.00
78	OUTROS RENDIMENTOS E	0.00	0.00	0.00	15.27	15.27	0.00
79	JUROS, DIVID. OUT. REND	0.00	0.00	0.00	29.54	29.54	0.00
81	RESULTADO LÍQUIDO DO	7,001.98	7,001.98	0.00	16,538.35	20,039.34	3,500.99 C
>>Total		7,001.98	7,001.98	0.00	77,229.56	77,229.56	0.00

Licenciado a José Manuel Correia Antunes/Software Sage Portugal

JUNTA DE AGRICULTORES DO REGADIO DO ACAFAL

Balanço Razão Financeira

Mensal e Acumulado.

Moeda - Euros

Cnt - 31.15.2011

Mes : Dezembro

Pag. 1

Conta	Descrição	MES			ACUMULADO		
		Debito	Credito	Saldo	Debito	Credito	Saldo
11	CAIXA	0.00	666.00	666.00 C	8,134.41	7,581.92	552.49 D
12	DEPOSITOS A ORDEM	535.00	0.00	535.00 D	9,457.60	8,669.82	787.78 D
21	CLIENTES	0.00	535.00	535.00 C	14,002.88	9,296.19	4,706.69 D
22	FORNECEDORES	0.00	0.00	0.00	5,117.92	5,117.92	0.00
24	ESTADO E OUTROS ENTE	89.70	138.08	48.38 C	1,444.79	1,462.12	17.33 C
27	OUTRAS CONTAS A RECE	0.00	0.00	0.00	1,183.12	1,207.32	24.20 C
56	RESULTADOS TRANSITAD	0.00	0.00	0.00	0.00	2,504.44	2,504.44 C
62	FORNECIMENTOS E SERV	714.38	0.00	714.38 D	8,535.05	0.00	8,535.05 D
68	OUTROS GASTOS E PERD	0.00	0.00	0.00	313.11	0.00	313.11 D
69	GASTO E PERDAS FINAN	0.00	0.00	0.00	76.59	0.00	76.59 D
72	PRESTACOES DE SERVIC	0.00	0.00	0.00	0.00	12,380.93	12,380.93 C
78	OUTROS RENDIMENTOS E	0.00	0.00	0.00	0.00	15.27	15.27 C
79	JUROS, DIVID. OUT. REND	0.00	0.00	0.00	0.00	29.54	29.54 C
81	RESULTADO LÍQUIDO DO	0.00	0.00	0.00	611.62	611.62	0.00
>>Total		1,339.08	1,339.08	0.00	48,877.09	48,877.09	0.00

Licenciado a José Manuel Correia Antunes/Software Sage Portugal

Vila Velha de Ródão, 24 de Fevereiro de 2012

O Técnico Oficial de Contas

O Presidente da Junta de Agricultores do
Regadio do Açafal

(Mário Paulo Afonso)

(José Carlos Lopes Soares)